

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

RUBIA BERNARDI GUIMARÃES

**TURISMO PEDAGÓGICO VOLTADO AOS REFERENCIAIS ÉTNICOS DA
CIDADE DE CURITIBA**

CURITIBA

2016

RUBIA BERNARDI GUIMARÃES

**TURISMO PEDAGÓGICO VOLTADO AOS REFERENCIAIS ÉTNICOS DA
CIDADE DE CURITIBA**

Trabalho apresentado à disciplina de Projeto de Planejamento e Gestão em Turismo II, como forma de avaliação parcial para a obtenção do título de bacharel em Turismo, Setor de Ciências Humanas da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Prof^aDr^a Luciane de Fátima Neri

CURITIBA

2016

RESUMO

O Turismo Pedagógico, ainda pouco conhecido no Brasil, é um segmento que vem a colaborar com a metodologia de ensino nas escolas. O presente trabalho trata do segmento de Turismo Pedagógico voltado aos referenciais étnicos da cidade de Curitiba, na qual é rica de conteúdo e atrativos do segmento cultural e histórico. Desta maneira, se desenvolveu uma pesquisa exploratória baseada nos atrativos étnicos, assim como, também houve o levantamento das opiniões de colégios públicos estaduais da cidade sobre a possibilidade de implementação de um roteiro de turismo étnico pedagógico para ser desenvolvido com os alunos. Com o resultado, afirmou-se a viabilidade do desenvolvimento de um roteiro para as escolas. O projeto do itinerário de roteiro proposto, visa instaurar uma maneira de desenvolver o turismo pedagógico voltado ao caráter étnico, com o intuito de enriquecer o conhecimento, e despertar no aluno o interesse sobre sua origem.

Palavras-chaves: Turismo Pedagógico, Turismo Étnico, Turismo Pedagógico Étnico, Roteiro

ABSTRACT

The Educational Tourism, still little known in Brazil, is a segment that is collaborating with the teaching methodology in schools. The present paper deals with the segment of Pedagogical Tourism focused on the ethnic references of the city of Curitiba, which is rich in content and attractions of the cultural and historical segment. In this way, an exploratory research based on ethnic attractions was developed, as well as a survey of the opinions of public state colleges in the city on the possibility of implementing an itinerary of ethnic educational tourism to be developed with the students. The project proposed roadmap itinerary aims to establish a way to develop educational tourism geared to the ethnic character, in order to enrich the knowledge and awaken in students the interest on its origin.

Keywords: Educational Tourism, Ethnic Tourism, Educational Ethnic Tourism, Tourist Rout.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – MAPA DOS COLÉGIOS LEVANTADOS NO UNIVERSO DA PESQUISA	37
FIGURA 2 – CAPA - MATERIAL INFORMATIVO	70
FIGURA 3 – PRIMEIRA PÁGINA – DESCRITIVO DOS ATRATIVOS I	71
FIGURA 4 – SEGUNDA PÁGINA – DESCRITIVO DOS ATRATIVOS II	72
FIGURA 5 – PÁGINA TRÊS – MAPA ROTEIRO I	73
FIGURA 6 – PÁGINA QUATRO – DESCRITIVO DOS ATRATIVOS III	74
FIGURA 7 – PÁGINA CINCO – MAPA ROTEIRO II	75
FIGURA 8 – PÁGINA SEIS – PRINCIPAIS ETNIAS	76
FIGURA 9 – PORTAL SANTA FELICIDADE	91
FIGURA 10 – CASA CULPI, SANTA FELICIDADE	91
FIGURA 11 – PRAÇA GARIBALDI	92
FIGURA 12 – PORTAL POLONÊS	92
FIGURA 13 – BOSQUE JOÃO PAULO II	93
FIGURA 14 – IGREJA SANTO ESTANISLAU	93
FIGURA 15 – BOSQUE ALEMÃO	94
FIGURA 16 – CATEDRAL METROPOLITANA NOSSA SENHORA DA LUZ DOS PINHAIS	94
FIGURA 17 – FERREIRA MÜELLER 1878 (ATUAL SHOPPING MÜELLER)	95
FIGURA 18 – IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DE CURITIBA	95
FIGURA 19 – MEMORIAL UCRANIANO (PARQUE TINGUI)	96
FIGURA 20 – IGREJA ORTODOXA UCRANIANA SÃO DEMÉTRIO	96
FIGURA 21 – PRAÇA DA UCRÂNIA	97
FIGURA 22 – PRAÇA DO JAPÃO (MEMORIAL JAPONES)	97
FIGURA 23 – PRAÇA HIMEGI	98
FIGURA 24 – IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS DE SÃO BENEDITO	98
FIGURA 25 – BOSQUE DE PORTUGAL	99
FIGURA 26 – CASA ROMÁRIO MARTINS	99
FIGURA 27 – MEMORIAL ÁRABE	100
FIGURA 28 – MESQUITA AIMAM ALI IBN ABI TALIB	100

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – PRINCIPAIS ATRATIVOS DA ETNIA ITALIANA	38
QUADRO 2 – PRINCIPAIS ATRATIVOS DA ETNIA POLONESA	39
QUADRO 3 – PRINCIPAIS ATRATIVOS DA ETNIA ALEMÃ	41
QUADRO 4 – PRINCIPAIS ATRATIVOS DA ETNIA UCRANIANA	43
QUADRO 5 – PRINCIPAIS ATRATIVOS DA ETNIA JAPONESA	44
QUADRO 6 – PRINCIPAIS ATRATIVOS DA ETNIA PORTUGUESA.....	45
QUADRO 7 – PRINCIPAIS ATRATIVOS DA ETNIA ÁRABE	47
QUADRO 8 – FREQUENCIA DE RESPOSTAS MENCIONADAAS PELOS ENTREVISTADOS	52
QUADRO 9 – OPINIÕES SOBRE A DISTÂNCIA DO ROTEIRO	58
QUADRO 10 – PRINCIPAIS ATRATIVOS ÉTNICOS, DISTÂNCIA E TEMPO EM RELAÇÃO AO CENTRO DA CIDADE	60
QUADRO 11 – ETAPA 1 - PESQUISA E CRIAÇÃO	64
QUADRO 12 – ETAPA 1 – RECURSOS HUMANOS E FINANCEIROS	65
QUADRO 13 – ETAPA 1 - TEMPO DE EXECUÇÃO DO PROJETO	66
QUADRO 14 – ETAPA 2 - EXECUÇÃO E DIVULGAÇÃO	67
QUADRO 15 – ETAPA 2 - RECURSOS HUMANOS E FINANCEIROS	68
QUADRO 16 – ETAPA 2 - TEMPO DE EXECUÇÃO	69
QUADRO 17 – ETAPA 1 - SUGESTÕES DE ADAPTAÇÕES DO ROTEIRO	80
QUADRO 18 – ETAPA 2 - SUGESTÕES DE RECURSOS HUMANOS	81
QUADRO 19 – ETAPA 3 - SUGESTÃO QUANTO A MATERIAIS INFORMATIVOS.	82
QUADRO 20 – ETAPA 4 – SUGESTÕES QUANTO A OPERACIONALIZAÇÃO E CONTROLE	83

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. MARCO TEÓRICO	11
2.1. TURISMO PEDAGÓGICO: O SEGMENTO DO CONHECIMENTO.....	11
2.2. ATIVIDADE TURÍSTICA E PLANEJAMENTO DE UM ROTEIRO ÉTNICO PEDAGÓGICO.....	20
2.2.1. Roteiros Turísticos.....	20
2.2.2. Planejamento de Roteiro de Turismo Étnico Pedagógico.....	22
2.3. LEGADO ÉTNICO DE CURITIBA: PATRIMÔNIO HISTÓRIA E MEMÓRIA.....	25
2.3.1. História da Imigração de Curitiba	27
2.3.2. Turismo Étnico Pedagógico.....	32
3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	35
3.1. AMOSTRA.....	36
3.2. OBJETO DE ESTUDO	38
3.3. COLETA DE DADOS	48
4. ANÁLISE DOS DADOS.....	51
5. PROJETO DE TURISMO.....	61
5.1. DESCRIÇÃO	61
5.2. ETAPAS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO	63
5.2.1. Etapa 1: Pesquisa e Criação	63
5.2.2. Etapa 2: Execução, Divulgação e Controle	67
5.2.3. Demonstração	69
5.2.3.1. Descrição do Itinerário de Roteiro demonstrativo.....	77
5.3. AÇÕES COMPLEMENTARES	79
5.3.1. Recursos Físicos.....	79
5.3.2. Recursos Humanos	80
5.3.3. Materiais Informativos	81
5.3.4. Operacionalização e Controle	83
5.4. RETORNO DE INVESTIMENTO	83
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS.....	86
APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO: DIRETORES DOS COLÉGIOS.....	90
ANEXO 1 – ATRATIVOS TURÍSTICOS ÉTNICOS ITALIANOS EM CURITIBA	91
ANEXO 2 – ATRATIVOS TURÍSTICOS ÉTNICOS POLONESES EM CURITIBA	

.....	92
ANEXO 3 – ATRATIVOS TURÍSTICOS ÉTNICOS ALEMÃES EM CURITIBA	
.....	94
ANEXO 4 – ATRATIVOS TURÍSTICOS ÉTNICOS UCRANIANOS EM CURITIBA	
.....	96
ANEXO 5 – ATRATIVOS TURÍSTICOS ÉTNICOS JAPONESES EM CURITIBA	
.....	97
ANEXO 6 – ATRATIVOS TURÍSTICOS ÉTNICOS PORTUGUESES EM CURITIBA	
.....	98
ANEXO 7 – ATRATIVOS TURÍSTICOS ÉTNICOS ÁRABES EM CURITIBA	
.....	100

1. INTRODUÇÃO

O turismo pedagógico configura-se num segmento importante para o aprendizado dos jovens estudantes de um município. Como uma ferramenta, ele auxilia no sistema de ensino, aliando a teoria e prática do conteúdo desenvolvido em sala de aula. Apesar da predominância dos segmentos de Turismo de Negócios e Eventos na cidade de Curitiba, a proposta será enraizada na educação, o de Turismo Pedagógico, orientando o público-alvo a estimular o conhecimento sobre a composição étnica da cidade onde vive. A capital do Paraná possui um rico conteúdo étnico-histórico que é abordado de forma teórica nas escolas junto aos seus jovens alunos. Segundo Vinha et al. (2005), um dos principais sentidos das atividades ligadas ao Turismo Pedagógico está na possibilidade de ampliação das demandas dos estudantes, pois a escola em geral, centra suas atividades nas preferências dos professores, esquecendo-se que os estudantes precisam de envolvimento ativo para a construção do conhecimento e da formação da cidadania.

O tema de turismo pedagógico voltado aos referenciais étnicos da cidade é utilizado no intuito de explorar a variada oferta turística histórica, cultural e étnica com o objetivo de conhecimento e aprendizado por parte das escolas para os alunos

Segundo o Caderno Estatístico de Curitiba, o Ipardes (2016), Curitiba possui 91.642 crianças matriculadas no ensino fundamental em escolas públicas, ou seja, crianças que estão ingressando na escola, com a finalidade de absorver conhecimento da forma mais interativa possível como requer sua faixa etária. Na atualidade, o aprofundamento na questão de etnicidade nas escolas é desenvolvido cautelosamente, pois, segundo Silva (2010), trata de diversidades culturais, étnicas e históricas, e incluso no currículo escolar há uma elaboração voltado ao que está relacionado a um momento histórico da sociedade, e atenderá o interesse temporal. Desta forma, o processo educacional e, conseqüentemente, no currículo estão inseridos no processo de conhecimento cultural e construção de identidades locais e nacionais.

A proposta para um roteiro de Turismo Étnico Pedagógico, parte do princípio em que, por ser uma cidade abundante em aspectos e elementos turísticos, como já citados, a capital paranaense pode utilizar desses recursos históricos e culturais para incentivar crianças e adolescentes das escolas da própria Curitiba, a aprender sobre a cidade em que vivem através do patrimônio e atrativo turístico.

Segundo a Organização das Nações Unidas (ONU) e a Organização Mundial de Turismo (OMT), o termo Turismo é utilizado para definir uma atividade do viajante que visita uma localidade fora de seu entorno habitual, por período inferior a um ano, e com propósito principal diferente do exercício de atividade remunerada por entidades do local visitado (Tempos de Gestão, 2015). Ciente que o termo utilizado no decorrer do trabalho é Turismo Pedagógico Étnico, a atividade aqui proposta é direcionada à alunos da própria cidade de Curitiba, não havendo um deslocamento significativo fora da mesma, apenas aplicando termo para este segmento com as determinadas características pedagógicas.

Objetivando despertar o interesse desses jovens e crianças para o estudo, as atividades pedagógicas devem ultrapassar o espaço das salas de aula, dinamizando atividades interativas e fora da escola capazes de variar as estratégias de aprendizagem que façam com que a interação e/ou a visita aos locais propostos estimulem a curiosidade do conhecimento. A proposta colocada, será ideal para despertar o sentido curioso dos alunos para a etnicidade da região de Curitiba que compõe a cultura atual, voltada para este público de alunos de colégios públicos.

A pesquisa desenvolveu-se em alguns colégios estaduais públicos dispostos na cidade, onde os responsáveis dos mesmos responderam a um questionário sobre a viabilidade de implementação de um roteiro de turismo étnico pedagógico. Da mesma maneira, efetuou-se o levantamento dos atrativos de legado étnico na cidade para compor o roteiro.

Sendo assim, apresenta-se o problema do presente plano de pesquisa: Qual o potencial para o desenvolvimento de um roteiro de Turismo Étnico Pedagógico em Curitiba?

Para responder ao problema encontrado, elaboraram-se objetivos, fracionado em geral e específicos. O objetivo geral será: Identificar a potencialidade da estruturação de um roteiro turístico de Turismo Étnico Pedagógico para ser aplicado colégios estaduais de Curitiba. Os objetivos específicos são:

- Realizar um levantamento bibliográfico sobre turismo pedagógico, etnicidade, roteiros e turismo étnico pedagógico, tal como, averiguar exemplos de Turismo Pedagógico, Turismo Étnico e Turismo Étnico Pedagógicos já existentes no Brasil;
- Fazer um levantamento dos principais patrimônios e atrativos históricos e culturais caracterizados pelas etnias existentes em Curitiba;

- Verificar a aplicabilidade do roteiro para os colégios estaduais, constatando conteúdo de temas sobre história, colonização, etnias e demais assunto do gênero;
- Identificar a demanda existente para um roteiro de Turismo Étnico Pedagógico;
- Propor um roteiro de Turismo Étnico Pedagógico com os atrativos de Curitiba.

O estudo aqui em questão será de caráter exploratório, com o objetivo de buscar informações sobre lugares e levantamento de atrativos e patrimônios com características étnicas. Segundo Dencker (1998), não necessitam de hipótese, os estudos cujos objetivos são obter conhecimento sobre o local, e não testar a relação entre duas ou mais variáveis. Portanto, a pesquisa apresentada não exige hipóteses, somente estudos preliminares para descrever a realidade existente.

O presente trabalho está composto pelo marco teórico, e metodologia de pesquisa, no qual, o marco teórico, se inicia com explanação sobre o desenvolvimento do Turismo Pedagógico ao longo do tempo e sua aplicabilidade no incremento do currículo escolar. Trata também sobre a etnicidade e seus conceitos, ressaltando, porém, os legados étnicos deixado em patrimônios materiais e imateriais, na história e na memória da capital paranaense ao longo da história pelos imigrantes que aqui passaram. Traz ao longo do capítulo, os principais atrativos de característica étnica encontrados em Curitiba. Outros assuntos abordados na extensão do trabalho, são, roteiros turísticos, seu planejamento e elaboração, com temáticas culturais, étnicas e históricas, e traz exemplos sobre Turismo Pedagógico, Turismo Étnico e Turismo Étnico Pedagógico.

Na metodologia de pesquisa, está descrito sobre os métodos utilizados de acordo com os objetivos propostos em sua maioria de caráter exploratório e qualitativo acerca das informações já existentes. E quanto a coleta de dados, esta, se desenvolveu através de entrevistas estruturadas com questionários.

Através da pesquisa efetuou-se uma proposta de projeto de um Roteiro de Turismo Étnico Pedagógico para ser executado na região de Curitiba, adequando-se às respostas obtidas por meio dos questionários e por intermédio da disposição dos atrativos de características étnicas na cidade, tendo como objetivo atender aos propósito pedagógico para alunos de colégios públicos.

2. MARCO TEÓRICO

O presente capítulo trata do turismo pedagógico como uma vertente do ensino, em que esclarece a utilização do método de roteiro turístico como incremento na atividade prática escolar.

2.1. TURISMO PEDAGÓGICO: O SEGMENTO DO CONHECIMENTO

O turismo como um fenômeno social, cultural e econômico serve como sustentação para o desenvolvimento de outros segmentos que satisfazem as diversas necessidades do consumidor. Brusadin (2015) atenta para o conceito de turismo que vai além de férias, viagens, descanso, lazer, fuga da realidade, etc., mas sim para um turismo como desenvolvimento de ações para minimizar os impactos negativos e maximizar os positivos na sociedade atual.

Este segmento turístico voltado a uma repercussão positiva arrisca-se ser decorrência de um aprofundamento por parte de visitantes sobre a historicidade do destino ou local visitado. Desta maneira, Moraes (2006) descreve o Turismo Pedagógico como um segmento derivado do Estudo do Meio, que, como técnica, tem por objetivo transpor os muros da escola e realizar estudos nos locais visitados, procurando elementos de estudo que enriqueçam o conteúdo pedagógico.

Pode-se notar, a importância e os diversos benefícios que uma aula, que se utiliza do passeio ou viagem no processo de ensino poder ter através do estudo do meio. Zabala (1998 *apud*. BONFIM, 2010) reconhece a importância do estudo do meio como técnica atualizada no processo de aprendizagem em seu estudo sobre a prática educativa

O estudo do meio é o método mais completo, já que os conteúdos procedimentais estão presentes em todas as fases e etapas – atribuindo uma importância especial não aqueles relacionados com a busca de informações, como também ao demais complexos de caráter estratégico cognitivo. Além do mais, os conteúdos conceituais, vinculados a problemas e conflitos da vida real, são básicos como instrumentos para compreender esta realidade social (ZABALA, 1998, p. 157 *apud*. BONFIM, 2010, p. 125)

No centro de seu conteúdo está a preocupação em encontrar a melhor maneira de conduzir a atividade educativa, para alcançar finalidades pedagógicas, por

meio da experiência turística.

O segmento de Turismo Pedagógico se apresenta neste contexto, de fazer com que o aprendizado escolar contextualize com o real. As visitas, ou, até mesmo, uma viagem são maneiras diferentes de conduzir os estudos de uma forma agradável.

Como uma forma de ampliar os espaços de construção do saber, o Turismo Pedagógico é uma maneira de exercitar o conhecimento em que envolve aprendizado e lazer dentro das práticas escolares. Segundo Vinha (2005), os estudantes precisam de envolvimento ativo para a construção do conhecimento. Portanto a incorporação de elementos e recursos estéticos, artísticos, culturais e históricos se faz necessário quando se trata de assimilação do conteúdo ao aluno.

As aulas por sua vez, tendem a ficar cada vez mais dinâmicas e menos cansativas e repetitivas, e passam a promover melhores relações entre os professores e seus respectivos alunos devido a interatividade que ocorrerá com esta prática, pois a dinamização das atividades permitirá o envolvimento nos problemas e soluções propostos e articulando questionamentos.

A pedagogia como ciência, já é desenvolvida há anos, porém sua origem não é notoriamente discutida, devido suas derivações conceituais ao longo do tempo, mas de acordo com Lima e Silva (2012), os povos primitivos repassavam seus conhecimentos e cultura através de uma educação Difusa, ou seja, educação por imitação, que faziam com que os jovens e crianças imitassem os detentores do conhecimento para poderem repassar às gerações. Desta maneira, considerando que a pedagogia desenvolveu-se historicamente a partir do ensino, de modo que a docência constitui o centro da pedagogia, pode-se entender que a mesma constitui-se baseado no exercício da docência na educação. (PINTO, 2008).

Assim pode-se identificar na pedagogia como área do conhecimento perante a educação:

Campo de conhecimento porque não se trata apenas de teorias científicas, na medida em que envolve outras formas e outros tipos de conhecimento. A pedagogia, além de constituir-se por uma abordagem transdisciplinar do real educativo, ao articular as teorias das diferentes ciências que lhe dão sustentação direta (psicologia, sociologia, história) ou indireta (biologia, antropologia, neurologia...), constitui-se, ao mesmo tempo, por uma abordagem "pluricognoscível" ao ser expressão das diferentes formas e dos diferentes tipos de conhecimento: do senso comum, da estética, da ética e da política, da empiria, da etnociência. (SACRISTÁN, 1999, p.123 apud. PINTO, 2008)

Ou seja, a pedagogia aborda não somente um tipo de conhecimento, é reconhecida por abranger diversos métodos que são exercidos de inúmeras formas. Enquanto área do conhecimento prático, a pedagogia sempre expressou diversos estudos que não se resumiram somente a teorias científicas.

Como Rios (2003, *apud*. PINTO, 2008), refere-se que o aprendizado só ganha significado quando envolve os sentido, sentimentos, memória, a imaginação, etc., e que esses elementos são os que diferenciam as características na forma com que o ser humano se relaciona na sociedade.

Dentro do contexto pedagógico, o turismo pode ser considerado uma ferramenta de educação, no qual as atividades ligadas a este segmento são importantes para a formação da percepção de diferentes dimensões proveniente da história da localidade em que está inserido (PERINOTTO, 2008). Ou seja, além do aspecto turístico a prática do turismo pedagógico atenderá a didática escolar com uma visita usual, tratando o turismo de ser como um mecanismo catalisador do interesse alheio.

Embora este método de ensino já fosse utilizado em meados do século XVI e, mais tarde, com Celéstin Freinet, renovando os objetivos pedagógicos, é somente a partir do século XXI que essa metodologia começa a ser experimentada de uma maneira integral em escolas que se utilizam deste segmento do turismo denominado turismo pedagógico (JUNQUEIRA; SCREMIN, 2012). Esse tipo de atividade, que pode ser desenvolvida em conjunto com agências especializadas no ramo, visa a aproximação dos conteúdos estudados em sala de aula da realidade vivenciada fora dela, revigorando o sentido da realidade para os alunos, que passam a aprender de forma espontânea, lúdica e sociável e promove a prática da interação entre aluno e estudo.

As viagens com fins educacionais não são uma novidade. Na Europa desde a década de 1980, já havia intercâmbios com programas estudantis. Já no Reino Unido, no período dos séculos XVII e XVIII, pode-se considerar que os aristocratas aderiram ao “grand tour” com cunho de aprendizagem, como complemento da educação (JUNQUEIRA; SCREMIN, 2012). Este fenômeno do turismo, que foi o Grand Tour, teve origem no século XVII, em Inglaterra, com as chamadas “viagens dos cavaleiros”. Segundo Milheiros e Melo (2005), tratava-se de viagens de jovens aristocratas ingleses, do sexo masculino, educados para carreiras de política, governo e diplomacia, que, para complementarem os seus estudos, embarcavam numa

viagem pela Europa, com duração de dois a três anos, regressando a casa quando a sua educação cultural estivesse completa. Ou seja, era considerado um ritual educativo praticado pela nobreza britânica. Com o início do “Grand Tour”, o viajante passou a ser, um turista associando o lazer e a vontade de obter conhecimento ao prazer da descoberta de países, monumentos, tradições, sabores e culturas diferentes. E, como fundamento inicial nas viagens para obter conhecimento, pode-se perceber que o Turismo Pedagógico sempre esteve presente na origem e desenvolvimento dos segmentos turísticos.

O Turismo Pedagógico como se conhece hoje, era considerado uma atividade cuja motivação era o aprendizado e a formação integral do ser humano, conforme Andrade (2000):

Nos séculos XVIII e XIX as famílias nobre enviavam seus filhos para estudarem nos grandes centros culturais da Europa, acompanhados de seus competentes e ilustres preceptores. O *grand tour*, sob o imponente e respeitável rótulo de viagens de estudos. (ANDRADE, 2000 p. 9)

Esta prática era comum para a época, e de certa maneira era também, concebida como prática cultural, o envio dos parentes, principalmente filhos, para outras cidades para estudar. Outro ponto de vista manifestado na época era de que, quanto mais lugares e países a pessoa visitasse, mais conhecimento e cultura adquiridos o indivíduo obtinha. Andrade (2000), também explica este aspecto:

Os ingleses importantes e ricos, consideravam detentores de cultura apenas quem tivesse sua educação ou formação profissional coroadas por um *grand tour* através da Europa, programa que se iniciava na Holanda, passando depois, à Bélgica e Paris, de onde os turistas passavam ao sudeste francês e daí a Sevilha, via Madri e Lisboa. A etapa seguinte caracterizava pelos deslocamentos por pontos importantes da França não contemplados na etapa anterior, pela Suíça, Itália, até chegar a velha Grécia. Conhecidos os pontos remanescentes da riqueza da civilização helênica, os nobres cultos subiam o Danúbio, desde Viena, atingindo Munique e passando através da Alemanha, ao longo do Reino. Depois, exaustos de tanto vagar, estudar e divertir-se, discípulos e mestres retornavam à Inglaterra, via Bremen e Hamburgo. (ANDRADE, 2000, p. 9-10)

As viagens eram consideradas chaves para descobertas, em que o indivíduo viajante detinha o conhecimento. E, com o desenvolvimento tecnológico da época optaram em investir em transporte seguro eficaz, o que possibilitou às pessoas a viajar para inteirar-se de novidades e informações. Ao longo dos anos, as viagens passaram a fazer parte da vida profissional, mas ainda com o intuito de adquirir conhecimento.

Porém, a realidade se faz diferente no Brasil, em que algumas escolas ainda não chegaram ao conhecimento da finalidade do Turismo Pedagógico como metodologia de ensino diversificada e coerente ao aprendizado (JUNQUEIRA; SCREMIN, 2012). Desta forma, as visitas e passeios de caráter social, cultural, religioso, etc., com o intuito de promoção do conhecimento, são considerados somente entretenimento.

Notando que seus alunos não demonstravam o mínimo interesse dentro da sala de aula, um pedagogo francês chamado Célestin Freinet optou por mudar sua técnica de ensino e resolveu leva seus alunos a lugares fora da escola, próximos à natureza, para identificar a reação dos alunos a mudança na forma de repassar o conteúdo (JALUSKA; JUNQUEIRA, 2012), surgindo assim um conceito de aula-passeio.

A aula-passeio consistia em atividades extraclasse, organizadas coletivamente pelos alunos, onde o essencial era valorizar as necessidades vitais do ser humano – criar, se expressar, se comunicar, viver em grupo, ter sucesso, agir-descobrir, se organizar – tornando-os cidadãos autônomos e cooperativos (RAYKIL; RAYKIL, 2011, p. 7 apud JALUSKA; JUNQUEIRA, 2012, p. 30)

Freinet, com esta atitude, descaracteriza o método de ensino tradicional que as escolas da época praticavam onde o professor era a figura central e transmissor do conhecimento, dando lugar a uma proposta de aprendizado mais participativa, onde o aluno e seu meio ambiente tornam-se personagens principais da educação, e o professor torna-se mediador do método praticado.

Assim, se percebe a pluralidade de aspectos que a o conceito pedagógico objetiva atingir para proporcionar efetividade no decorrer do processo de ensino. Como declara Saviani (2007), sobre a importância do desenvolvimento no aluno, de um lado a reflexão estreita com a filosofia, finalidade ética que guia o ato educativo e de outro lado, a experiência e a prática, reforçando a metodologia, a condução da criança. Ainda, como discorre Franco (2008 apud. ROVARIS; WALKER, 2012), no percurso histórico da Pedagogia ela é tratada ora como arte, ora como metodologia, ora ciência da arte educativa e recentemente a grande ênfase na atuação docente e não no estudo do fenômeno educativo na sua complexidade e amplitude. Portanto, a pedagogia possui diversas maneiras de expressões que vão da teoria à prática, e o Turismo Pedagógico é um exercício prático do conteúdo aprendido em sala.

O turismo Pedagógico vem crescendo significativamente nos últimos anos, ganhando espaço no plano de ensino como método diferenciado e mecanismo para despertar o interesse dos alunos nos conteúdos repassados.

A aprendizagem está presente na maioria dos segmentos do turismo, mas em particular no Turismo Pedagógico, por ter interação com o meio e a sede do conhecimento como uma motivação da prática e desenvolvimento do mesmo. E, reconhecendo a prática do turismo pedagógico desenvolvida atualmente, Beni (2002) o define como um recurso necessário ao processo de aprendizagem, entretanto, ele menciona que este método não se trata de algo novo, trata-se da

retomada da antiga prática amplamente utilizada na Europa e principalmente nos Estados Unidos por colégios e Universidades particulares, e também adotados no Brasil por algumas escolas de elite, que consistia na organização de viagens culturais mediante o acompanhamento de professores especializados da própria instituição de ensino com programa de aulas e visitas a pontos históricos ou de interesse para o desenvolvimento educacional dos estudantes. (BENI 2002, apud MATOS, 2012, p. 2)

Atualmente, com as discussões sobre a educação passa-se a notar a carência educacional que o Brasil sofre, e a interferência da mesma na formação profissional e pessoal de um indivíduo. A ideia atual que a sociedade tem em mente em relação à educação é que deve-se buscar sempre por melhoras que beneficiem seus alunos. Demo (1999) se refere às mudanças no processo pedagógico como necessárias para o incremento do processo de ensino, merecendo destaque que, de modo geral, pouco se aprende no ambiente escolar, devido à ausência de relação dos conteúdos apresentados em sala de aula com desafios que serão vivenciados futuramente. Portanto, pode-se constatar que a qualidade de ensino no Brasil é uma barreira a ser derrubada, pois ainda existe uma escassez de informações no sistema educacional atual para a efetiva aprendizagem. Ainda sobre esses problemas que a educação sofre, Demo (1999, p. 85-86) destaca que:

- a) A escola, sobretudo a pública, restringe-se ao mero repasse copiado, deixando o aluno na posição de objeto de ensino, cujo resultado é simples aprendizagem;
- b) Nesta aprendizagem, tudo tende a ser mal feito, acrescentando-se vazios cumulativos nos espaços ditos modernos;
- c) O aluno, a par de saber pouco, o que sabe é inadequado para instrumentá-lo como sujeito de processo de mudança;
- d) Não temos ainda sedimentada a necessidade vital de atualização constante, nem nos professores, o que repercute no envelhecimento inevitável em termos de domínio de saber estratégico.

Como mencionado pelo autor e, também, como tratado pelo autores Sampaio e Guimarães (2009) sobre a carência de conteúdo da escola pública, infelizmente constatamos que a mesma possui um sistema de ensino muito mais defasado em relação as outras escolas, em geral as particulares, o que remete-nos a um desleixo por parte do sistema público de educação, que não incentiva os professores ao aprimoramento de métodos e estratégias de ensino mais atualizados, e que prejudica gravemente o aluno futuramente.

Portanto, o papel do professor é de fundamental importância no processo de aprendizagem, pois segundo Bonfim (2010), a qualidade do professor é o condicionante principal da qualidade educativa da escola, e que os mesmos tenham a habilidade de estimular nos alunos atitudes críticas e criativas.

Com o fácil e rápido acesso a informação, consequência da globalização, o repasse do conhecimento por parte dos professores, na escola, passa a ser um desafio devido a quantidade de conteúdo disseminado pelos meios de comunicação. E para superar essa fase de excesso de informação (não necessariamente qualificada), na esfera da educação, começou-se a optar por uma dinamização e atualização dos métodos de ensino, o que deve produzir conhecimento que vai além das teorias. Nesta perspectiva, Matos (2012) esclarece que o Turismo Pedagógico possui uma relação com o processo de ensino, que ocorre na medida em que se estabelece por meio de atividades didático-pedagógicas introduzidas no currículo escolar, que desenvolvem de forma a combinar relações com conteúdo programado de cada disciplina, com a realidade vivenciada fora da sala de aula com o objetivo de promover de forma lúdica e dinâmica o êxito do processo pedagógico.

Para esclarecimento sobre o segmento, um exemplo de Turismo Pedagógico que está sendo uma efetiva ferramenta para a fomentação da aprendizagem, é o projeto Viva Ciranda como citado por Rosa (2014), que desenvolvido em Joinville, Santa Catarina. O Projeto Viva Ciranda foi criado por iniciativa da Fundação Turística de Joinville, com objetivo de ampliar a demanda turística das propriedades rurais inseridos no segmento de Turismo Rural da Região de Joinville, por meio do Turismo Pedagógico. Oferecer a crianças e adolescentes a oportunidade de conhecer o modo de vida no campo, além de proporcionar a vivência do cotidiano rural constituiu-se no atrativo do Projeto. As atividades pedagógicas são feitas in loco, com visitas a propriedades localizadas na Região Rural de Joinville nas comunidades do Piraí,

Dona Francisca, Quiriri, Estrada da Ilha e Estrada Bonita. Divididas em temas-chave – água e meio ambiente, flores, pequenos animais, cavalos, produção de mel e melado, ervas medicinais, produção de pães, doces e geleias, arrozeiras – as propriedades rurais também propõem atividades educativas e recreativas referentes ao meio ambiente e à agricultura (ROSA, 2014).

O projeto, inicialmente visa atender crianças e jovens; no entanto, as práticas de vivência também podem ser aplicadas a adultos e idosos (ROSA, 2014). O objetivo deste projeto, é fazer com que os estudantes saibam utilizar dos conteúdos aprendidos em sala de aula praticando em um ambiente real aliando ambos os conhecimentos e aprimorando suas habilidades, agregando valor às atividades executadas no meio rural e escolar. De acordo com Rosa (2014), a realização de saídas de campo auxilia no processo ensino-aprendizagem, com atividades extraclasse no contra turno escolar que oferecem aos educadores e aos discentes a oportunidade de vivenciar o que foi trabalhado em sala de aula, unindo o conhecimento teórico à prática.

Ao desenvolverem um estudo sobre a utilização do turismo pedagógico como instrumento motivador de aprendizagem em escolas na Espanha, os autores Moreira, Avilés e Valle (2009, p. 01), demonstram que a compreensão sobre este tipo de turismo em outros países é a mesma que temos no Brasil, quando afirmam que o segmento do turismo educativo

Es la rama del turismo que se especializa en viajes donde los turistas organizan los mismos con el propósito no solo de conocer el lugar, si no de aprender, entender y comprender el entorno visitado; sin ser realizado dicho aprendizaje necesariamente dentro de un plan estricto y formal de aprendizaje; si no todo lo contrario; dentro de un espectro amplio y utilizando toda la gama de opciones de aprendizaje que nos brinda el avance en la rama educativa; utilizando los medios necesarios para que el turista se involucre dentro de dichos espacios.*

Para que a atividade aconteça de uma forma eficaz deve contar com o empenho e o desejo de cada aluno em aprender sobre o tema, e, os espaços em que acontecem as visitas podem ser considerados os elementos de motivação para o Turismo Pedagógico, pois, como já mencionado, ele despertará a espontaneidade e

*É o ramo do turismo especializada em viagens onde os turistas se organizam, a fim não só para saber o lugar, se não para aprender, entender e compreender o ambiente visitado; sem necessariamente ser feita essa aprendizagem dentro de um plano de aprendizagem rigorosa e formal; se não o contrário; dentro de um espectro amplo e usando toda a gama de opções de aprendizagem que nos dá a em avanço do braço educacional; usando os meios necessários para que os turistas se envolver em tais espaços.

novas sensações diante de um objeto de estudo que possua uma grandiosidade cultural e histórica para repassar aos alunos, desenvolvendo a consciência do aluno para o meio em que vive.

Este segmento turístico serve como ferramenta fomentadora de ensino, entretanto Jaluska e Junqueira (2012) remetem este não somente como um mero instrumento, mas uma técnica aprimorada para estimular o *ser cidadão* em cada aluno

O turismo educacional pode auxiliar na proposta de ensino mais democrático e plural, favorecendo encontros que estimulem a reflexão dos alunos e promovam o conhecimento do meio sociocultural onde vivem, algo significativo em termos pedagógicos, objetivando, assim, uma experiência que irá aproximar o aprendizado teórico da vida. Assim, visando um ensino que apresente uma visão mais global da diversidade cultural brasileira, por meio das aulas-passeios, o professor passa não somente a informar, mas também a formar e transformar seus alunos em cidadãos plenos, conscientes de seu papel na sociedade e desprovidos de preconceitos com relação à cultura do outro, estimulando, assim, a desconstrução do etnocentrismo. (JALUSKA; JUNQUEIRA, 2012, p. 27)

Portanto, esta prática se encaminha para atualidade com objetivos que vão além de ser somente uma atividade turísticas de lazer associado a passeios escolares. Traz consigo, uma responsabilidade social incorporada à aprendizagem, que se remete na execução de transmissão do conhecimento para os alunos.

O turismo pedagógico em sua amplitude, pode ser direcionado a várias esferas da educação, como ambiental, histórico, cultural, etc., mas, frequentemente, é utilizado para a uma abordagem do turismo voltado à cultura com finalidades didático-pedagógicas, em que a dinâmica proposta ultrapassa a sala de aula e, proporciona uma experiência de busca do conhecimento através de elementos que fazem parte da cultura local (GOMES, 2009).

O resgate da memória e da identidade de um grupo étnico ou da cultura particular de determinado povo, faz com que seja desenvolvido em cada aprendiz o sentimento de pertencimento no espaço cultural (BATISTA, 2005). Dentro dos aspectos culturais estão a etnicidade de uma região, em que são considerados os legados deixados por um povo que residia na região em épocas passadas e que deixaram sua herança em forma de bens materiais e imateriais que, nitidamente, compõe a identidade do cidadão. E o turismo pedagógico, surge para incentivar e exercer este pertencimento étnico cultural, que conscientiza o aluno dos aspectos socioculturais de onde ele vive. Confirmando essa ligação que existe entre a atividade turística e a pedagogia, Bonfim (2010, p. 123) relata que, a pedagogia é responsável

pelos instrumentos utilizados no método de ensino, objetivando qualidade na educação, e que turismo é relevante no processo de prática vivida e interação com o local, e a fusão desses dois elementos proporciona a experiência de aprendizado.

E, para a efetividade de qualquer atividade turística, é indispensável o planejamento de acordo com as necessidades da mesma. A partir da proposta da criação de um roteiro de Turismo Étnico Pedagógico, o capítulo a seguir tratará da importância do planejamento no âmbito turístico, com enfoque na elaboração de roteiros com objetivo de conhecimento e aprofundamento no legado cultural, histórico e étnico de Curitiba.

2.2. ATIVIDADE TURÍSTICA E PLANEJAMENTO DE UM ROTEIRO ÉTNICO PEDAGÓGICO

O turismo como fomentador de expectativas, é consolidada através de serviços e, seu sucesso se dá pela qualidade na realização prática da atividade. Assim, a atividade turística como fenômeno humano e social, contribui para o intercâmbio cultural entre os turistas e a população local, onde podem, através da execução, observar manifestações, visitar patrimônios e atrativos culturais, ou seja conhecer que elementos compõe a cultura da região que visita, e esta prática pode-se passar a fazer parte da realidade escolar com a inserção de um roteiro pedagógico.

Por envolver vários elementos de uma região, o turismo pode ser considerado uma atividade complexa, e é imprescindível que haja planejamento em todas as etapas de operação da atividade turística. Diversos fatores influenciam na qualidade da atividade para o visitante como a infraestrutura básica, o estado de conservação dos equipamentos e atrativos, a promoção e a prestação de serviços (MIGUEL, 2007).

2.2.1. Roteiros Turísticos

No turismo, os roteiros turísticos são meios bastante utilizados para apreciar com mais qualidade os atrativos que uma determinada região possui.

Os antepassados e precursores das excursões que se aproximam da configuração do que conhecemos hoje por roteiro, encontram-se nas viagens dos desbravadores de riquezas naturais do período colonial (SANTOS FILHO, 2001).

Descrições de jesuítas sobre o Brasil, a exemplo do padre André João Antonil que percorreu sobre os roteiros de viagens ao interior de Minas Gerais, nos quais estas, possibilitaram entender a funcionalidade e importância inicial desta atividade.

Atribuído de condições escassas para a realização, condizentes com a realidade daquele certo período histórico, os roteiros podiam durar meses envoltos a diversas emoções, podendo considerar que “toda viagem tinha um sentido de exploração, aventura e perigo” (SANTOS FILHO, 2001. p. 76). O mesmo autor menciona que esses roteiros do século XVIII podem ser considerados como turísticos se forem examinados sob a lógica de um produto colocado como mercadoria para atender a interesses econômicos específicos de uma classe dominante.

Bahl (2004) define roteiros turísticos como todo processo de ordenação de elementos integrantes no acontecimento de uma viagem, e que, podem estabelecer as diretrizes para estimular uma posterior visita nos pontos da cidade, seguindo determinados trajetos, criando fluxos e possibilitando um aproveitamento racional dos atrativos. Ou seja, um caminho definido composto por determinados atrativos que, podem ser aderidos como guias de visitas para futuros

A roteirização auxilia o processo de identificação, elaboração e consolidação de novos roteiros turísticos e, além disso, tem como função apontar a necessidade de aumento dos investimentos em projetos já existentes seja na melhoria da estrutura atual, seja na qualificação dos serviços turísticos oferecidos (BRASIL, 2007). Portanto, a criação de novos roteiros faz com que aumente a quantidade de oferta e, consequentemente, motive mais turistas a conhecer a cidade.

Segundo autores relacionados ao tema, existem várias tipologias ligadas ao termo roteiro turístico, tais como “circuito, excursão, itinerário, pacote turístico, rotas, etc.” que podem causar confusão e são utilizadas como sinônimos. Mas, o foco será voltado ao conceito de roteiro tipo itinerário para melhor esclarecimento ao longo do trabalho.

Em relação a roteiros turísticos, como mencionado anteriormente, existem dois tipos que Bahl e Nitsche (2012) auxiliam no esclarecimento da diferença entre eles, que são os roteiros de viagens e roteiros do tipo itinerários.

O primeiro deles está ligado a todo o processo de ordenação de elementos para a efetivação de uma viagem, pois comumente elaborado pelas operadoras de turismo, o roteiro é a designação dada à programação de uma viagem, onde são descritos os locais a serem visitados, os serviços oferecidos e as atividades previstas dentro de um pacote turístico (BAHL,

NITSCHKE, 2012, p. 40).

No entanto, o roteiro do tipo itinerário “tem como fundamento a distribuição de atrativos, infraestruturas e serviços dentro de um determinado espaço, onde fica evidente a ideia da demarcação de um itinerário” (BAHL, NITSCHKE, 2012, p. 41). O roteiro itinerário pode ser caracterizado como uma maneira de percorrer um caminho que compreende diversos atrativos num determinado espaço para que o turista possa se deslocar com facilidade até os mesmos.

Um turista quando visita um lugar não procura somente um atrativo, e, partindo deste argumento, pode-se concluir que o roteiro, como produto já formatado, serve como uma forma de valorização dos vários atrativos que estão dispostos em uma localidade (MIGUEL, 2007). O roteiro servirá como uma forma de guiar o turista aos principais pontos de interesse proporcionando um melhor aproveitamento do tempo gasto no local. E, as formatações dos roteiros devem ser direcionadas a temas específicos associados a história, religião, cultura, urbanismo, entre outros conteúdos e elementos que compõe a localidade e que, despertará o interesse do turista para visitá-lo.

Em relação ao conteúdo que cada roteiro irá dispor, destaca-se os temas associados a cultura, a história e a religião.

Sinteticamente, Bahl (2004, p. 66) comenta sobre conteúdos culturais nos roteiros:

[...] o conjunto das manifestações oriundas dos indivíduos de uma comunidade, pode-se reunir os aspectos folclóricos, modos de vida, costumes, crenças e maneiras de encarar a vida, gastronomia, vestimenta, tipos de edificações, artesanato, manifestações artísticas e outros de caráter comportamental.

Os itinerários culturais são criados, portanto, para satisfazer os fundamentos dos valores culturais, o patrimônio, a história, a memória e a diversidade de etnias que predominam o território.

2.2.2. Planejamento de Roteiro de Turismo Étnico Pedagógico

O planejamento se faz necessário em todo âmbito turístico. Quando se trata de um roteiro, a elaboração do mesmo deve ser previamente estudado para que possa se encaixar nos aspectos pretendidos e atender com eficiência a demanda.

Ao dar foco à questão do patrimônio cultural imaterial e material, o turismo pedagógico ganha nuances de Turismo Cultural, se alinhando com o conceito Turismo Étnico. Faria (2005, p.73 *apud* SCHNEIDER; ALVARENGA, 2015) classifica o Turismo Étnico como “um tipo de turismo cultural que utiliza como atrativo a identidade, a cultura, de um determinado grupo étnico”. No Turismo Étnico Pedagógico, realizado sob a inspiração da cultura curitibana e grupos da sociedade que deixaram seu legado, por crianças e adolescentes que estudam sobre a cultura, mas que pouco vivenciam.

Além disso, é necessário incentivar a apreciação do patrimônio e distribuir o fluxo turístico de modo que se aproveitem as diversas potencialidades regionais e locais, tanto das áreas interioranas como dos complexos e centros turísticos urbanos (BOULLÓN, 2002). Portanto, além da dinâmica escolar, o roteiro iniciará um processo de visitação frequente nos atrativos e patrimônios culturais, históricos e étnicos, que resultará do interesse do aluno/visitante que utilizará o roteiro.

Sobre o que vem a ser planejamento, Molina e Rodrigues (2001 *apud* SILVA; SONAGLIO, 2013) definem que o planejamento é o fruto de um processo lógico de pensamento, mediante o qual o ser humano analisa a realidade abrangente e estabelece os meios que lhe permitirão transformá-la de acordo com seus interesses e aspirações. Disso resulta que a forma adequada de planejar consiste em analisar objetivamente uma realidade e condicionar as ações ao problema. Desta maneira, ao considerar o setor de turístico, o planejamento possui uma classificação específica, conforme sua necessidade, valores e agentes envolvidos. Desta forma, Barretto (2005, p. 41) considera o planejamento turístico da seguinte maneira:

Planejar turismo significa harmonizar o atendimento às necessidades e propiciar o bem-estar de sujeitos sociais provenientes de outro lugar, dentro de uma sociedade receptora e seu meio ambiente, e dos sujeitos dessa sociedade receptora em relação aos turistas e entre si. Implica recompensar a comunidade que divide seu espaço com os turistas, financiando, com o dinheiro proveniente de turismo, as obras públicas requeridas para melhorar seu índice de desenvolvimento humano.

A elaboração de um Roteiro Étnico Pedagógico necessita possibilitar ao estudante a facilidade do deslocamento do mesmo entre os pontos preestabelecidos, identificar o conteúdo trabalhado em sala de aula para condizer com a temática utilizada e repassada no decorrer do roteiro, um reconhecimento teórico antecipado dos atrativos e patrimônios que compõe o roteiro. E, para que haja efetividade do

planejamento do roteiro, segundo Miguel (2007), o idealizador deve ter a sensibilidade a ponto de colocar-se no lugar do visitante, e optar por uma abordagem criativa para atrair o mesmo.

Utilizando desta interpelação, para a elaboração de um roteiro de Turismo Étnico Pedagógico nas escolas se deve focalizar nos atrativos culturais, histórico e étnicos, que segundo Andrade (2000) são os patrimônios culturais, que envolve uma série de manifestações culturais, costumes, aspectos folclóricos, modo de vida, crenças e a maneira de encarar a vida, a gastronomia, vestimenta, arquitetura, artesanato, manifestações artísticas e demais característica que identificam um grupo étnico. E, serão estas as dimensões propostas no roteiro, para que haja o reconhecimento do visitante com o meio, utilizando destes elementos como diferencial para prática.

O roteiro turístico tem como objetivo facilitar a visita organizada e um melhor aproveitamento do tempo e deslocamento dos visitantes, e ainda, segundo Miguel (2007, p. 9), os roteiros também devem servir de maneira a conservar os atrativos, constantemente, consumidos pela atividade turística. Portanto, o roteiro de turismo deve servir tanto para a visita e conhecimento, mas para despertar a consciência de conservação do mesmo.

Um exemplo de turismo étnico pedagógico acontece no Vale do Ribeira no Município de Eldorado a mais antiga comunidade remanescente de quilombo do Estado de São Paulo – Ivaporunduva. Já há alguns anos o quilombo recebe a visita de escolares para realizarem visitas pedagógicas no local. O turismo pedagógico desenvolvido até então, tem caráter excursionista e, frequentemente são complementares aos programas desenvolvidos no Parque Estadual do Alto do Ribeira (MORAES, 2006). Para esclarecimento, o conceito excursionista, segundo Barreto (2008, p.26), é a pessoa que permanece menos de 24 horas na cidade ou local visitado. Ou seja, a atividade dada como exemplo, é praticada em formato de excursões ao parque com os alunos.

No caso do Quilombo, a visita ocorre através de uma programação pré-definida pela comunidade e repassada para as escolas que se encaixarem nas propostas. Muitas escolas realizam esta viagem por conta própria e algumas através de agências de viagens (MORAES, 2006). No que diz respeito ao turismo étnico, este ocorre quando o visitante está presenciando um modo de vida e costumes diferenciados dos que de costume.

Como visto ao longo deste capítulo, o processo de roteirização turística é uma ferramenta importante e tem como objetivo estruturar, qualificar e ampliar a oferta turística local. De acordo com o Ministério do Turismo e informações que integram o Módulo Operacional de Roteirização Turística

A roteirização tem caráter participativo, voltado a mobilização social e a construção de parcerias, promovendo, em nível regional, a integração e o compromisso dos atores envolvidos, o adensamento dos negócios na região, a inclusão social, o resgate e a preservação dos valores culturais e ambientais da região. A criação e consolidação de novos roteiros turísticos e o aumento de investimentos nos já existentes, com vistas à qualificação dos serviços, possibilita o aumento do fluxo de visitantes, propiciando sua maior permanência na região turística. (BRASIL, 2005, p. 16)

Como explica o fragmento tirado do Módulo Operacional de Roteirização Turística, pode-se observar que o processo de roteirização turística vai além do que somente o itinerário de atrativos, mas propõe um aprofundamento no aspecto cultural e histórico de cada local visitado, além também, da preservação desses valores que são adquiridos ao longo do tempo.

Para que esta preservação aconteça efetivamente, considerando o bens materiais, valores culturais, históricos e ambientais, nada mais eficaz do que um roteiro de turismo pedagógico que aborde os assuntos relacionados ao legado que grupos étnicos deixaram ao longo dos anos para uma região.

O turismo em um contexto pedagógico, e com prática em um cenário étnico, passa a contribuir para a educação cultural e para a cidadania, e da mesma forma, faz com que os alunos passem a refletir sobre sua origem e cultura.

O próximo capítulo tratará do Turismo Étnico em que envolve a cultura e a história de um grupo, e que compõe a história de uma cidade. Também, se discorrerá sobre o legado étnico da cidade de Curitiba, que abrange diversos patrimônios, legados deixados como herança por seus colonizadores e pelas culturas que a predomina.

2.3. LEGADO ÉTNICO DE CURITIBA: PATRIMÔNIO HISTÓRIA E MEMÓRIA

As concepções étnicas dentro do contexto turístico refletem o interesse pela originalidade da composição local, oportuniza ao visitante a conhecer os aspectos culturais e históricos. Estas distinções fazem parte de características singulares, presentes em cada localidade desperta um alto poder de atração em relação a

demanda.

Etnicidades são fenômenos sociais que refletem as tendências positivas de identificação e inclusão de certos indivíduos em um grupo étnico (GRÜNEWALD, 2003, p.145). Portanto, deve remeter a concepções de origem, história, cultura e etnia (raça). As concepções sobre o conceito de etnia atribui-se a origem, história, cultura ou raça – mesmo que esses sejam criados no presente para fins de auto-representação ou de representação para os outros (GRÜNEWALD, 2003, p. 145). Ou seja, ela representa o legado que fora deixado ao longo dos anos e ainda é praticado atualmente.

Costa (2004) menciona que a Revolução Industrial marca, na esfera econômica o desenvolvimento de novas dinâmicas sociais com diversos impactos em várias etapas da vida humana. O turismo e a imigração foram dois acontecimentos que ocorreram sem que houvesse controle. Recentemente, estas duas esferas dinamizam o que fora denominado turismo étnico. O mesmo autor ainda salienta a configuração do turismo étnico na característica em que a atração turística é “o outro” e a sua cultura, e trata-se de um mercado em que a oferta de excentricidade étnica corresponde a uma procura do diferente na “cultura”.

Costa (2004) descreve o turismo e a imigração como sendo dois fenômenos aparentemente adversos, mas que embora não parecendo ter nada em comum compartilham de vários aspectos

Vejamos: ambos decorrem de uma deslocação, isto é, implicam uma viagem de um local para outro; ambos se fundamentam em formas específicas de construção e compreensão da diferença (que em ambos os casos categorizam – em detrimento das semelhanças); em ambas pressupõe relações inter-étnicas que decorrem do confronto, no mesmo espaço geográfico, dessas diferenças, contribuindo para a construção e estabelecimento de identidades étnicas.

Lima (1999) coloca que, ao longo da história, o Turismo esteve em busca de legitimidade e, nesse contexto, colocaria a cultura como uma de suas ferramentas de validação. Atualmente, a cultura vem se desenvolvendo gradativamente como um segmento em destaque como o que mais se aproveita a bagagem em seu consumo dentre os demais segmentos.

O Turismo Étnico como um segmento relacionado a tradições, estilo de vida e história de um grupo, pode ser considerado um fragmento de Turismo Cultural, pois todos os elementos atrativos que compõe o Turismo Étnico estrutura também, o

Turismo Cultural de uma região.

Cardozo (2006, p.145) expõe que

Os produtos culturais dos grupos étnicos que exerceriam poder de atração e turistas seriam aquelas que mais fortemente expressariam identidade como: arquitetura, artesanato, festividade, gastronomia, vestimenta, dança e música e outras manifestações relacionadas ao dia a dia do grupo e que possam servir para delimitar sua fronteira étnica, passível de fruição turística. Todavia, no que tange as preferências de turistas, vale ressaltar a importância de conhecer o perfil deste e as possibilidades de comunidade étnica em permitir, ou não a experiência turística.

Portanto, o Turismo Étnico trata de uma variedade de aspectos culturais e históricos, desde o modo de viver de um grupo até a construção arquitetônica de uma casa antiga, são importantes elementos a serem observados para a execução da atividade turística.

A respeito de legado étnicos, Bahl (2004) coloca que a existência desses em si não configuraria, um atrativo turístico, mas que deve ser tratado como marcas de etnicidade com significação para a comunidade receptora, e indicados como potencial atrativo. Para ser tratado como atrativo turístico, as condições de acesso e facilidade devem, também, ser atendidas. O autor nota a diversidade étnica, advinda das imigrações, no Brasil, como potencialidade turística, pois segundo ele, no processo de integração e adaptação que diferentes grupos étnicos tiveram ao chegar ao país e, carregaram consigo todas as contribuições que com o passar do tempo fizeram parte da vida do brasileiro, beneficiando a diversidade cultural.

A seguir será exposto sobre a imigração na cidade de Curitiba e o legado étnico, cultural e histórico que foi herdado ao longo dos anos.

2.3.1. História da Imigração de Curitiba

Com mais de 320 anos de história, a identidade cultural da capital do Paraná foi construída através do tempo por diversas etnias que imigraram por motivos de moradia, trabalho, terra e melhores condições de vida. Europeus, asiáticos e africanos colaboraram para a formação populacional, econômica, cultural e social da cidade de Curitiba (Prefeitura de Curitiba, 2016).

De acordo com as informações resgatadas do site da Prefeitura de Curitiba sobre imigração, até o século XVIII, os habitantes da cidade eram índios, mamelucos,

portugueses e espanhóis. Com a emancipação política do Paraná (1854) e o incentivo governamental à colonização na segunda metade do século XIX, Curitiba foi transformada pela intensa imigração de europeus. (Prefeitura de Curitiba, 2016)

Pode-se destacar seis dos grupos de imigrantes que possuem mais influência na cultura local, são os alemães, poloneses, ucranianos, japoneses, portugueses e italianos. Segundo Bahl (2004), é importante ressaltar, também, a presença étnica de caráter religioso de povos de origem árabe e os judeus, mesmo que com uma população não tão quantitativamente significativa. Alemães, franceses, suíços, poloneses, italianos, ucranianos, nos centros urbanos ou nos núcleos coloniais, conferiram um novo ritmo de crescimento à cidade e influenciaram de forma marcante os hábitos e costumes locais.

O grupo de imigrantes alemães foi um dos primeiros a se instalarem em Curitiba, por volta de 1853, provenientes, em grande parte de Santa Catarina. Eles iniciaram o processo de industrialização – metalurgia e gráfica –, incrementaram o comércio, introduziram modificações na arquitetura e disseminaram hábitos alimentares. Difundiram, também, a noção de associativismo.

O governo observava a fixação espontânea de colonos aos arredores de Curitiba, os quais manifestavam satisfação e demonstravam sensível progresso. Face a este fato, o governo da província do Paraná e as autoridades imperiais alteravam sua política, quanto a fixação do imigrante. Passaram a dar preferência ao estabelecimento de colônias nas proximidades dos grandes centros. As primeiras colônias do Paraná, nestes novos moldes, foram as de Argelina, Abranches, Santa Cândida etc., localizadas a pouca distância da capital. (WACHOWICZ, 1972 apud. BAHL, 2004)

Como se pode notar, os locais citados acima e alguns outros, atualmente, são bairros da cidade de Curitiba, e foram os que melhor se adaptaram ao processo migratório no Paraná segundo o autor. Pode-se citar alguns referenciais étnicos alemães como o Bosque Alemão (Figura 15), que não é originalmente um legado, mas que remete a memória da etnia; a Ferraria Mueller (Figura 17), que foi de propriedade de um colonizador alemão. Atualmente pode-se pressupor que há cerca de 600 mil descendentes de alemães no estado do Paraná. Suas influências são bastante evidenciadas nas construções de igrejas e outras edificações com estilo germânico (Figuras 16 e 18) (BAHL, 2004, p.60).

A imigração polonesa procedente em sua maioria de Santa Catarina, começou a se instalar nos arredores de Curitiba por volta de 1890 a 1914, e criaram as colônias

de Tomás Coelho (Araucária), Muricy (São José dos Pinhais), Santa Cândida, Orleans, Lamenha, Pilarzinho e Abranches. Caracterizados por um sentimento religioso acentuado, estabeleceram-se como lavradores, comerciantes e profissionais liberais (BAHL, 2004, p. 63). As características polonesas deixadas varia desde grupos de dança, igrejas como a de Santo Estanislau (Figura 14), o Memorial da Imigração Polonesa (Bosque João Paulo II) (Figura 13), além também do Portal Polonês (Figura 12) inaugurado em 1991 na rua Mateus Leme. Hoje formam em Curitiba a maior colônia polonesa no Brasil no que se refere a imigrantes e descendentes.

Os primeiros imigrantes italianos a se instalarem no Paraná foram nas regiões de Alexandra e Morretes. Segundo Bahl (2004, p. 61) posteriormente esses imigrantes transferiram-se para Curitiba e arredores estabelecendo diversos núcleos entre eles: Alfredo Chaves (Colombo), Senador Dantas (Água Verde) e Nova Tirol (Piraquara). Vieram para Curitiba em 1872 e, em 1878, criaram a colônia Santa Felicidade. Os oriundos do norte da Itália eram, em sua maioria, operários, artesãos, profissionais especializados e comerciantes. Os do sul dedicavam-se à lavoura e introduziram novos implementos agrícolas. Assim como os poloneses, eles vendiam na cidade, de carroça, sua produção de hortaliças.

Essas imigrações eram caracterizadas notadamente pelo cultivo da vinha, sendo seus núcleos, como Colombo e Santa Felicidade, conhecidos como produtores de bons vinhos. É grande também sua influência no comércio, nas profissões liberais e nas artes. Este grupo não apresentou dificuldades acentuadas na adaptação à vida nacional, por ser de língua latina e religião católica, o que facilitou o ajustamento a cultura (WACHOWICZ, 1972 apud. BAHL, 2004).

Os principais referenciais da cultura italiana em Curitiba se encontram no bairro de Santa Felicidade como, o Portal (Figura 9) do bairro, e a Casa Culpi (Figura 10), da mesma forma que a Praça Garibaldi (Figura 11) remete à etnia, ou até mesmo referência em todo o estado como a cultivação da uva para fabricação do vinho, a existência de diversas festas, inclusive, as Festas do Vinho e da Uva, além também, do grande número de restaurantes de comida italiana distribuídos pela capital (BAHL, 2004, p. 61).

Bahl (2004, p.64) também, aborda sobre a influência ucraniana, que começaram a se fixar no Paraná por volta de 1891 entre os municípios de Rio Claro,

Senador Correia, Cruz Machado e Prudentópolis. Em Curitiba foram se adaptando espontaneamente estabelecendo suas residências em madeira, o material disposto, na época. Estabeleceram-se no Campo da Galícia e foram expandindo suas propriedades ao longo da atual Avenida Cândido Hartmann e por todo o bairro Bigorrião. Utilizaram desse material disponível para desenvolver toda uma arquitetura específica, mas o que realmente chama a atenção são as diversas igrejas (Figura 20) estabelecidas e que são o seu grande marco de referência, assim como o Memorial Ucrânio (Figura 19), localizado no Parque Tingui, e a Praça da Ucrânia (Figura 21) (BAHL, 2004). Além destes elementos arquitetônicos o legado étnico ucraniano conta com artesanatos, bordados, trabalhos em madeira e as pêsankas**, e também, diversos grupos de danças típicas.

Segundo Bahl (2004, p.62), os japoneses marcaram presença em Curitiba a partir de 1915, com a chegada de Mizumo Ryu. Em 1924, deslocaram-se para cá em maior número e se fixaram na cidade e redondezas - os bairros Uberaba, Campo Comprido, Santa Felicidade e o município de Araucária. O grupo de imigração japonesa compõe um dos grupos mais recentes, mas nem por isso perdem seu valor na cultura local. Seus referenciais mais expressivos são os clubes sociais e esportivos, os inúmeros restaurantes da culinária japonesa, a Praça Himegi (Figura 23) e a Praça do Japão (Figura 22) onde fora criado um centro cultural e plantadas cerejeiras, árvore típica do Japão.

Dentre outras colônias de imigrantes que Bahl (2004, p.66) menciona estão os sírios e libaneses, e portugueses. Os sírios e libaneses, no início do século XX, estabeleceram-se no comércio de roupas, sapatos, tecidos e armarinhos. Em função das características de suas lojas, ocuparam a área central da cidade. Os primeiros imigrantes vendiam as novidades às colônias mais distantes viajando em lombo de burro e batendo de porta em porta. A colonização portuguesa marcou presença no estado do Paraná por volta dos anos de 1816. Mas quanto a cidade de Curitiba, o legado português se deu através de algumas edificações, através da Igreja da Ordem e do Rosário (Figura 24), da Casa Romário Martins (Figura 26) e das Ruínas de São

** As pêsankas (ou Pysanka) são ovos coloridos inteiramente a mão pelos ucranianos, entregues na páscoa sob os cumprimentos "*Hrésťos Voskrés*" (Cristo ressuscitou) e "*Voístenu Voskrés*" (Em verdade ressuscitou).

Francisco, e entre outros referenciais da etnia está o Bosque Portugal (Figura 25) Também existem, em Curitiba, alguns grupos de dança da etnia.

Segundo Bahl (2004, p. 66), apesar da maior influência e quantidade de imigrantes serem os citados anteriormente, pode-se ainda citar os ingleses, islandeses, russos, irlandeses, búlgaros, gregos, norte-americanos, franceses, austríacos, espanhóis, holandeses, judeus e sírio-libaneses. Os holandeses possuem grande influência na imigração paranaense, mas fora do perímetro urbano de Curitiba.

Pode ser percebida a importância da religião muçulmana, através da Mesquita de Curitiba (Figura 28) e do Memorial Árabe (Figura 27), e os judeus pela existência da Sinagoga e da Fonte de Jerusalém.

Curitiba também guarda marcas da presença negra, embora esta seja pouco documentada. Segundo o Instituto Municipal de Turismo de Curitiba, sobre a história da cidade menciona que, Auguste de Saint-Hilaire, naturalista francês que andou pela cidade em 1820, fez levantamentos sobre a população da província: em 1818 havia 1.587 escravos, contra 1.941 vinte anos depois, em 1838. Nos mesmos anos, a população total era de 11.014 e de 16.155 habitantes. Ou seja: a população cresceu em 5.141 pessoas e os escravos, em 354. Mas, apesar dos poucos documentos existentes, a escravidão existiu no Paraná, ao longo dos ciclos econômicos e na construção de obras gigantescas como, por exemplo, a Estrada de Ferro Paranaguá-Curitiba, entre 1880-85, ligando o Litoral ao Primeiro Planalto e com a engenharia dos irmãos Antônio e André Rebouças, ambos mulatos. Assim como os negros deixaram seu legado imaterial, e material como a Igreja do Rosário, que era utilizada pelos negros como um local de culto por volta de 1740 no centro histórico de Curitiba. E, outra indispensável influência que a cidade de Curitiba teve, foi a presença dos índios, com destaque para a estátua do Cacique Tindiquêra no Parque Tingui, e, a origem do nome da cidade (BAHL, 2004).

De acordo com Bahl (2004, p.58) desde os tempos do nascimento de Curitiba até os dias de hoje, “a capital passou por um processo de urbanização que deve em boa parte aos inúmeros imigrantes que desembarcaram no Brasil. A sua área de influência abrange como região metropolitana, dezoito municípios, entre eles Almirante Tamandaré, Araucária, Balsa Nova, Bocaiúva do Sul, Tunas do Paraná. Campina Grande do Sul, Campo Largo, Colombo, Contenda, Curitiba, Mandirituba, Fazenda Rio Grande, Pinhais, Piraquara, Quatro Barras, Rio Branco do Sul, Itaperuçu

e São José dos Pinhais que também contaram com o assentamento de imigrantes” (BAHL, 2004).

O legado étnico de Curitiba é bastante extenso, e varia desde patrimônio, edificações, até o folclore, o artesanato e as histórias contadas de gerações em gerações. Os atrativos de características étnicas serão descritos no item 3.2 deste trabalho.

2.3.2. Turismo Étnico Pedagógico

O Turismo Pedagógico é o segmento que faz com que desperte na pessoa que pratica a curiosidade do conhecimento sobre o que está sendo apresentado a ele. Nesta perspectiva, segundo Gomes et al. (2015), o turismo pedagógico acontece com o intuito de divulgar a cultura de forma menos massificada, possibilitar o aprendizado sobre a cultural local, promover a educação patrimonial, sendo fomentadora da cidadania. E, dentro desta concepção, converter o olhar do turista para pontos diversos, não somente ao interesse particular de cada um, mas despertar o interesse para um todo, aspectos relacionados a história, cultura e etnicidade que desenvolve ao nosso redor.

Com o intuito de propagar uma educação acerca do legado étnico, o Turismo Pedagógico com enfoque na etnicidade reflete de forma positiva no panorama sociocultural da região, proporcionando uma ligação significativa entre comunidade, visitantes e contexto histórico e cultural em que os patrimônios e atrativos estão inseridos, dispondo da aprendizagem feita com prazer, fruto da ampliação do conhecimento, do esclarecimento, da convivência e do lúdico (VINHA, 2005), promove o lazer através da aprendizagem.

A memória é um elemento que tem relevância devido a construção de uma identidade sólida de uma determinada região. Enquanto etnicidade os aspectos culturais são essenciais, pois a partir da origem destes, dá-se início ao nascimento do legado, da construção da própria identidade. A memória e a identidade tem íntima relação, e segundo Batista (2005) esta ligação é tão profunda que a perspectiva histórico cultural se nutre desta relação para se auto-sustentar e se reconhecer como representação particular de determinada cultura. A memória, assim como a história e a identidade contribuem para a formação da cidadania perpetuando o seu valor de geração em geração. E, através desta postura de construção da memória e

identidade, surge o Turismo Pedagógico com o objetivo de preservar as dimensões culturais e históricas, sendo repassada na forma de visita e didática escolar.

Para o Turismo Pedagógico ser uma atividade efetiva de aprendizado, os patrimônios históricos e culturais remetem a um aprendizado mais profundo acerca destes aspectos. Segundo Murta (2005) interpretar o patrimônio refere-se a prestação de informações e representações que destacam a história e a cultura de um lugar, agregando valor a experiência do visitante. Portanto, para o Turismo Pedagógico é importante que esta interpretação com outros olhares aconteça para que seja exercida da melhor forma possível o segmento, pois a interpretação vai além da absorção de informações, mas sim uma representação do significado do que aquele patrimônio tem para a cultura e história local. Para Gomes et al. (2015, p.461)

A forma pedagógica de se tratar as informações sobre o patrimônio, objetivam despertar nos indivíduos a sensação de pertencimento, de forma educativa, lúdica e criativa, e podem ser aplicadas a vários públicos, de crianças a idosos. Tais recursos refletem positivamente nos aspectos socioculturais da localidade, aproximando a própria comunidade e também os turistas do contexto histórico cultural no qual os patrimônios estão inseridos.

Neste sentido o turismo pode ser entendido como um mediador cultural entre a comunidade e seus patrimônios e aspectos histórico culturais, assim como o turista e visitante e os bens da comunidade, e promovendo a conscientização dos mesmos em relação a preservação deste legado.

Implícitos no Turismo Pedagógico, a cultura, a memória e a identidade são elementos indispensáveis para o desenvolvimento deste segmento turístico, que cresce com sucesso no progresso e fortalecimento na disseminação da educação cultural e histórica, mesmo com as exigências dos padrões de turismo e do turista que a consome.

Para esclarecer sobre o turismo étnico, pode-se mencionar um exemplo que acontece no nordeste do Brasil. Em Salvador, Bahia, o governo estadual desenvolveu um projeto de Turismo Étnico-Afro, onde usufrui do aspecto étnico da cidade para um segmento turístico, em que mais de 80% da população é afro descendente. O turismo étnico oferecido, é composto por roteiros específicos, que conta com elementos importantes como a comida, a religião, a cultura, a música, a dança e a arte provenientes dos povos africanos, com o objetivo de reunir, registrar e difundir as várias manifestações culturais afro-brasileiras, bem como promover ações de

salvaguarda, proteção, reconhecimento e registro dos bens culturais como patrimônio material e imaterial. Com programação diária e roteiros pré-estabelecidos, o turista tem a oportunidade de desfrutar da rica cultura que Salvador tem, e vivenciá-las da melhor maneira possível (Viver Bahia. Étnico Afro, 2016)

Outro exemplo de turismo étnico é o que a comunidade do Campinho da Independência através de ações de resgate da memória e reconstrução da identidade passou a articular com o passar do tempo. Segundo a SEPPIR (2008 apud PINHEIRO, 2014), o projeto de turismo étnico consolidou-se na comunidade envolvendo várias famílias quilombolas e diversas manifestações culturais que estavam esquecidas foram retomadas e são hoje valorizados e mantidos, como o jongo, a roda de samba e a capoeira, que passaram a compor o roteiro étnico ecológico.

Como outro exemplo de turismo étnico, pode ser mencionado o ônibus turístico, nomeado Volta ao Mundo, que foi criado na cidade de Curitiba. Este entrou em circulação em 7 de Setembro de 1996, no qual seu trajeto foi desenvolvido para percorrer cerca de 15 pontos da cidade que incluía memoriais, praças e parques onde os imigrantes construíram alguma obra para marcar sua participação na formação da cidade. Assim como a atual linha turismo, que também existia na época, o passeio tinha duração de duas horas, e o passageiro ao comprar o bilhete, tinha o direito a um embarque e três reembarques em qualquer um dos 15 pontos, e em alguns dos pontos poderia embarcar na Linha Turismo (SANTANNA, 1996). Vale ressaltar que, a atual Linha Turismo é uma fusão da antiga linha Volta ao Mundo e a Linha Turismo regular alguns anos após sua inauguração.

O aspecto étnico na modernidade possui uma notável importância na sua dinamicidade de organização e no modo como as comunidades ou grupos étnicos preservam e protegem suas tradições culturais, mercadorias, artefatos simbólicos, etc. O Turismo Étnico pode funcionar como ferramenta de reconstrução cultural e afirmação de identidade e contribui para a valorização cultural da cidade, trazendo à tona sua história e memória (PINHEIRO, 2014). E, com a estruturação de um roteiro turístico, como nos dois exemplos citados, para incentivar a visita a vários pontos diferentes, faz com que o turista se interesse pela possibilidade de conhecer a cultura local.

3. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Como maneira de desenvolver e incrementar a disciplina dada em sala de aula pelos colégios públicos da cidade de Curitiba e, se utilizando de recursos já existentes, se efetuou uma pesquisa com a finalidade de analisar a viabilidade de criação de um roteiro de turismo étnico pedagógico para ser incorporado no currículo escolar.

Decidiu-se pela pesquisa de caráter qualitativo acerca dos objetivos propostos, pois “a pesquisa qualitativa implica na participação do pesquisador no universo de ocorrência de determinado fenômeno, através da observação dos fatos sociais”. (DENKER, 1998, p. 97) Desta forma, a mesma desenvolveu-se explanando sobre os conceitos e propostas abordados ao longo do trabalho, assim como, o levantamento dos atrativos turísticos de caráter étnico que se encontram em Curitiba e que são legados da colonização da cidade.

Adequado ao caso, esta forma de metodologia orientou a coleta de dados e auxiliou na descrição de determinados fenômenos como a opinião dos responsáveis pelos colégios, os diretores, e seu interesse pelo desenvolvimento de uma atividade turístico-pedagógica proveitosa aos seus alunos. Da mesma maneira que, contribui para o levantamento dos atrativos e a descrição dos mesmos para o melhor aprofundamento na pesquisa e formatação do roteiro.

A partir de Bahl (2004, p. 96-97) foram mencionados os principais aspectos que interferem na elaboração de um roteiro de turismo, e que devem ser analisados durante o planejamento e execução, que são:

Objetivos (abordagem); Direcionamento (público-alvo, faixa etária, número de pessoas); Título (nome fantasia); Atrativos; Dias e horários para visita; Locais para compras; Refeições – taxas – shows; Itinerário: - Pontos de interesse, - Distância, - Caminho a percorrer, - Quilometragem; Número de paradas: - Automóvel, - Ônibus (micro ou convencional), - outros; Motorista(s); Guia(s); Animação (atividade material); Duração; Horários (partida, de programação em si, chegada); Local(is) (saída, chegada); Programa (produto); Testagem; Datas de partida (frequência); Despesas operacionais (telefone, fax, impressora, etc.); Divulgação; Preço; Comercialização (comissionamento, venda); Avaliação.

Os aspectos listados acima, são elementos básicos que caracterizam os roteiros de modo geral, mas que terão variação de acordo com o tipo de roteiro que esteja sendo planejado. Em relação ao roteiro de Turismo Étnico Pedagógico os itens que não se utilizaram são os locais para compras, refeições, despesas operacionais,

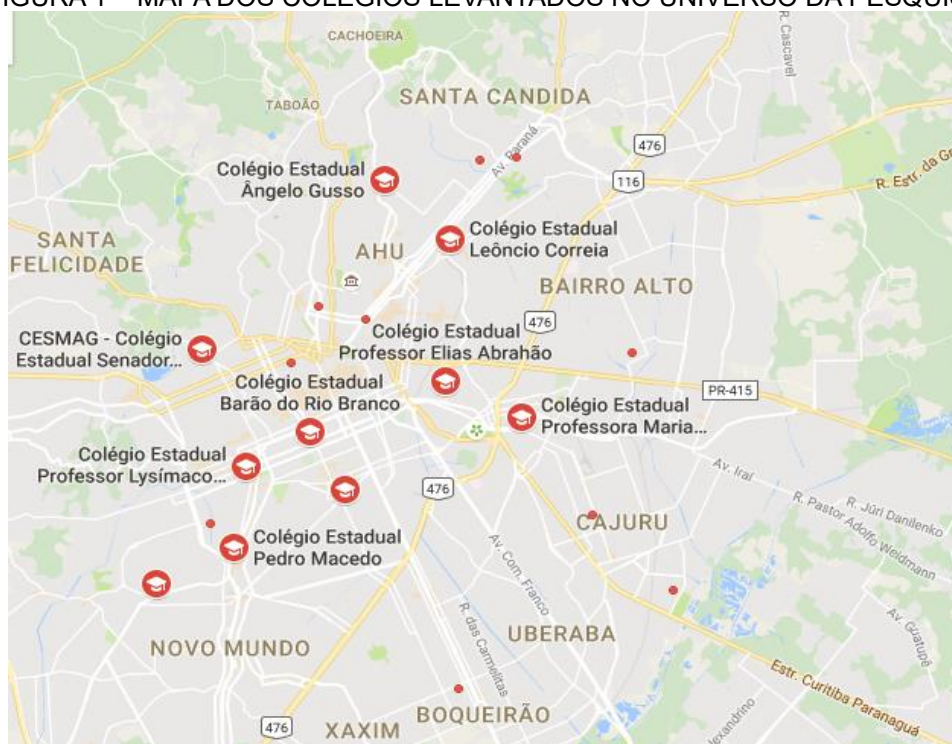
comercialização e preço, por se tratar de um roteiro específico para escolas, para atender crianças e adolescentes, portanto não seria conveniente implementar ao roteiro elementos relacionados a compra e venda ou manipulação de dinheiro ao longo do roteiro.

3.1. AMOSTRA

O segmento do turismo pedagógico já é um segmento conhecido, mas que ao contrário do tradicional passeio escolar que visa, geralmente lazer, é caracterizado por visitas programadas dentro do calendário escolar, fazendo parte de avaliações e objetos de nota. Fora do ambiente escolar, da sala de aula, o turismo pedagógico traz consigo o intuito de ser uma experiência agregadora ao aluno.

Os responsáveis pela direção dos colégios estaduais em Curitiba, Paraná, Brasil, fizeram parte do universo e amostra da pesquisa. O total de 20 colégios e, consequentemente, 20 questionário enviados fizeram parte do universo, tendo retorno de 7 questionários respondidos para a amostra utilizada para análise. Os critérios utilizados para a definição da amostra foram os de priorizar os colégios mais próximos a região do centro da cidade como mostra a Figura 1, que, possibilita o acesso mais facilmente aos demais bairros e atrativos locais. Os pontos vermelhos representam os colégios mais próximos em relação à Praça Tiradentes.

FIGURA 1 – MAPA DOS COLÉGIOS LEVANTADOS NO UNIVERSO DA PESQUISA



FONTE: A autora (2016).

NOTA: Google Maps (2016)

O retorno de apenas 40% dos questionários enviados não foi o esperado mas pode-se avaliar as possibilidades da mesma maneira.

Para a pesquisa e levantamento dos atrativos da cidade, o parâmetro utilizado foi baseado naqueles em que são considerados legados étnicos deixados pelos colonizadores da região, como igrejas, praças, parques, e avaliou-se a distância entre os mesmos e a estrutura para que o atrativo possa fazer parte da composição do roteiro étnico-pedagógico para os colégios. A amostra foi caracterizada como não probabilística, pois como explica DENKER (1998, p. 179):

Entende-se como amostragem não-probabilística qualquer tipo de amostragem em que a possibilidade de escolher um determinado elemento do universo é desconhecida. Assim, temos a amostragem de conveniência, utilizada em pesquisas piloto para levantamento de problemas, testes de questionário, etc. os elementos são reconhecidos de acordo com a conveniência do pesquisador.

Desta maneira, como foram utilizados os critérios do pesquisador para delimitação da amostra, pode-se considerar a explicação acima como justificativa do contexto da pesquisa.

3.2. OBJETO DE ESTUDO

Como objeto de estudo desta pesquisa foram selecionados vinte colégios estaduais situados num raio de aproximadamente 10km do centro na cidade, determinado aqui como o Marco Zero de Fundação da cidade, localizado na Praça Tiradentes, Curitiba, Estado do Paraná, Brasil.

Para o desenvolvimento da pesquisa, também foram objetos de estudo os atrativos de caracterização étnica da cidade. Dentre todos os atrativos da capital do Paraná, foram selecionados os que evidenciavam a interferência da colonização de alguma etnia que ajudou a compor a identidade curitibana como alemães, ucranianos, italianos, japoneses, poloneses, etc.

QUADRO 1 – PRINCIPAIS ATRATIVOS DA ETNIA ITALIANA


ETNIA ITALIANA		
Portal Italiano	Obra inaugurada em 27 de Outubro de 1990 presta homenagem aos italianos e seus descendentes, está localizada na entrada do bairro de Santa Felicidade. Com cerca de 17 (dezessete) metros de altura, a torre identifica a região italiana de Vêneto, local de onde partiram as famílias para viver no Brasil. O portal reproduz as construções típicas da imigração italiana. (Fonte: GAZETA DO POVO, Curitiba, 27 de Outubro de 1990, In. BAHL, 2004)	 <p>FONTE: Guia da Semana (2013)</p>
Casa Culpí	Fundada por João Batista Culpí por volta de 1897, a casa foi construída para ser residência da família. A mesma somente se tornou Memorial da Imigração Italiana em 1990. Hoje a Casa Culpí é um Centro de	 <p>FONTE: Guia Gazeta do povo (2013)</p>

	Referência de Assistência Social. Está localizada na Avenida Manoel Ribas, 8450. (Fonte: PARANÁ: GUIA TÉCNICO DE TURISMO. Curitiba, SETUR, 1992. p. 13. In: BAHL, 2004)	
Praça Garibaldi	Tendo como principal atração o Relógio das Flores, a praça foi fundada em 1946. Seu nome foi dado em homenagem ao herói da unificação italiana, Giuseppe Garibaldi. (Fonte: SETUR, Curitiba, 1994. In: BAHL, 2004)	
Restaurantes	O bairro de Santa Felicidade é famoso por seus restaurantes glamorosos e de sua culinária típica italiana. Todos muito amplos, os restaurantes estão bem capacitados para receber grupo de pessoas incluindo turistas. (BAHL, 2004)	

FONTE: TripAdvisor (2016)

FONTE: A autora (2016).

QUADRO 2 – PRINCIPAIS ATRATIVOS DA ETNIA POLONESA

ETNIA POLONESA		
Portal Polonês	Construído na entrada do Bosque João Paulo II, o portal foi inaugurado em novembro de 1991. Marcando os 120 anos da imigração polonesa em Curitiba. Representa a fusão das culturas Polska e Curitiba. A Rua Mateus Leme foi escolhida por ser ali um antigo traçado que ligava a região central de Curitiba a colônias que	

FONTE: Jornal do Ônibus de Curitiba (2015)

	abrigavam famílias de origem polonesa, e que se transformaram em diversos bairros da cidade (Fonte: GAZETA DO POVO, Curitiba, 10 de novembro de 1991. In: BAHL, 2004)	
Bosque João Paulo II	Criado após a visita do Papa a Curitiba, o bosque abriga o memorial da imigração polonesa em Curitiba, além da capela João Paulo II e outras casas de troncos de pinheiro que pertenceram aos colonizadores do Paraná e hoje servem de museus, expositores de artesanatos, etc. No bosque também, acontecem festividades, apresentações de danças da cultura polonesa. (Fonte: SETUR, Curitiba, 1994. In: BAHL, 2004)	 <p>FONTE: Fundação Cultural de Curitiba (2016)</p>
Igreja Santo Estanislau	É a igreja representativa da Comunidade Polonesa no Brasil. Localizada na Rua Emiliano Pernetá, 463, foi inaugurada em 1909. Aos sábados, domingos e feriados são realizadas cerimônias em polonês, como maneira de manter a tradição cultural. (Fonte: SETUR, Curitiba, 1994. In: BAHL, 2004)	 <p>FONTE: Fotografando Curitiba (2015)</p>

FONTE: A autora (2016).

QUADRO 3 – PRINCIPAIS ATRATIVOS DA ETNIA ALEMÃ

ETNIA ALEMÃ		
<p>Bosque Alemão</p>	<p>Homenageia a cultura e as tradições que imigrantes alemães trouxeram para Curitiba. Inaugurado em 1996, Entre os equipamentos está o Oratório de Bach - réplica de uma igreja presbiteriana de estilo neogótico que existiu no bairro do Seminário- que abriga uma sala de concertos, lanchonete com produtos típicos, guarda municipal e sanitários.</p> <p>Do jardim externo projeta-se a passarela ligada ao mirante, o qual está situado sobre a Torre dos Filósofos, uma torre com 15m de altura que, como os outros dois equipamentos, possui estrutura em troncos de eucalipto. Descendo a torre, chega-se ao Caminho dos Contos, uma trilha no interior do bosque que conduz o visitante à outra extremidade no ponto mais baixo do terreno.</p> <p>No meio do percurso, que conta a história de "João e Maria" dos irmãos Grimm através de painéis de azulejo, situa-se uma biblioteca denominada Casa da Bruxa (ou Casa de Contos), que é um espaço reservado para desenvolver o interesse pela leitura no público infantil. (Fonte: Site</p>	 <p>FONTE: Turismo Curitiba (2016)</p>

	PREFEITURA DE CURITIBA, 2016)	
Catedral Metropolitana Basílica Menor de N. Sr ^a . Da Luz dos Pinhais	Dedicada a Nossa Senhora da Luz dos Pinhais, a Catedral foi inaugurada em 1893. As referências da cultura alemã se encontram no relógio da torre, um dos sinos de bronze, os detalhes da carpintaria, as janelas e o envidraçamento. Está localizada na Praça Tiradentes, no centro da cidade. (BAHL, 2004)	 <p>FONTE: Arquidiocese de Curitiba (2016)</p>
Igreja Presbiteriana Independente de Curitiba	O templo da Igreja Presbiteriana Independente de Curitiba é o primeiro dos quatro que a divisão da Igreja Presbiteriana tradicional possui na cidade. A decoração do interior da igreja é tipicamente alemã. (Fonte: GAZETA DO POVO, Curitiba, 8 de abril de 1994)	 <p>FONTE: Curitiba Space (2016)</p>
Ferraria Müller	De propriedade de Michael Müller, o primeiro dos alemães da cidade. Possui muitos terrenos na região da Praça 19 de Dezembro, e etc. A fama de pioneiro de Michael tornou-se tão grande que foi visitado na Ferraria, pelo Imperador do Brasil, D. Pedro II, na viagem ao Paraná em 1880. Mantendo as paredes circundantes da Ferraria, fora construído em lugar desta, o Shopping Müller.	 <p>FONTE: G1 Paraná RPC (2013)</p>

	(Fonte: CASA DA MEMÓRIA, 1994 In: BAHL, 2004)	
--	---	--

FONTE: A autora (2016).

QUADRO 4 – PRINCIPAIS ATRATIVOS DA ETNIA UCRANIANA


ETNIA UCRANIANA		
Memorial Ucrâniano	<p>Inaugurado em 1995 em homenagem ao centenário da imigração ucraniana, o memorial está localizado no parque Tingui. É uma casa típica de cultura ucraniana onde são expostos pêsankas e possui um palco para manifestações folclóricas e festas típicas da etnia. O monumento principal do Memorial é a réplica da Igreja de São Miguel na Serra do Tigre, município de Mallet-PR. (Fonte: FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA, Memorial Ucrâniano, 2016)</p>	 <p>FONTE: Portal Ucrâniano (2016)</p>
Igreja Ortodoxa de São Demétrio	<p>É uma das paróquias Ortodoxas de Curitiba que congrega os descendentes de ucranianos do Bigorriho, Mercês e sobretudo ao longo da avenida Cândido Hartmann. Fundada em 1933, a igreja se difere das demais igrejas ucranianas existentes em Curitiba pelo fato de que possui uma única cúpula principal, simbolizando Jesus Cristo. (Fonte: SETUR, Curitiba, 1994. In: BAHL, 2004)</p>	 <p>FONTE: Plural Religioso (2013)</p>

Praça da Ucrânia	<p>Construída em 1967, a praça está localizada no bairro Bigorriho na cidade de Curitiba, no qual é um local de grande concentração de ucranianos e descendentes. Tem como atrativo uma estátua em bronze sobre um pedestal de pedra do poeta ucraniano Taras Chevtchenko que foi além de poeta, pintor, desenhista, artista e humanista ucraniano. Foi fundador da literatura moderna ucraniana e visionário da Ucrânia moderna. Sua maior obra foi a colectânea poética <i>Kobzar</i>. (1814-1861). (Fonte: TARAS CHEVTCHENKO. O poeta da Ucrânia, Curitiba, 1962, número especial)</p>	 <p>FONTE: Guia Gazeta do Povo (2013)</p>
------------------	---	---

FONTE: A autora (2016).

QUADRO 5 – PRINCIPAIS ATRATIVOS DA ETNIA JAPONESA

ETNIA JAPONESA		
Praça do Japão	<p>Construída em homenagem aos filhos do “Sol Nascente” que se espalharam por Curitiba dedicando-se a cultura, a Praça do Japão foi concluída em 1962. Há 30 árvores cerejeiras espalhadas pela praça enviadas do Japão em homenagem a colônia japonesa radicada no Paraná. Quando Curitiba completou 300 anos, foi instalado na praça um</p>	 <p>FONTE: Curitiba para não Curitibanos (2011)</p>

	<p>Centro Cultural. Na Praça do Japão são oferecidas várias atividades culturais: Zazen (Meditação Zen Budista), Loja de Artesanato Japonês, Aulas de Soroban (Ábaco Japonês), e Cerimônia do Chá. (Fonte: PARANÁ, GUIA TÉCNICO DE TURISMO, Curitiba, SETUR, 1992. p. 21. In BAHL, 2004)</p>	
Praça Himeji	<p>Presta homenagem a cidade Himeji, que é considerada a irmã de Curitiba no Japão, e fica localizada nos bairros São Francisco/Mercês. (BAHL, 2004)</p>	 <p>FONTE: Circulando por Curitiba (2013)</p>

FONTE: A autora (2016).



QUADRO 6 – PRINCIPAIS ATRATIVOS DA ETNIA PORTUGUESA

ETNIA PORTUGUESA		
Igreja N. Sr ^a do Rosário dos Pretos de São Benedito	<p>Construção de 1946 encima da antiga igreja demolida em 1931. A primeira Igreja do Rosário foi construída por escravos e para os escravos, inaugurada em 1737 em estilo colonial. Seu interior atualmente, abriga azulejos portugueses, com a Via Sacra da Paixão, e o túmulo do Monsenhor Celso, antigo pároco de</p>	 <p>FONTE: Curitiba Space (2016)</p>

	Curitiba, falecido em 1931. (Fonte: GUIA GEOGRÁFICO, Curitiba. 2016)	
Bosque de Portugal	Inaugurado em 1994, o bosque é um memorial da língua portuguesa. Com área verde de cerca de 21 mil m ² , é decorada com elementos da cultura portuguesa, e, em meio a mata nativa estão localizados azulejos portugueses estampados com versos de poetas da língua portuguesa. (Fonte: GUIA GEOGRÁFICO, Parques de Curitiba. 2016)	
Casa Romário Martins	Construída no século 18, em estilo colonial português, a Casa Romário Martins é considerada a casa mais antiga de Curitiba. Já serviu de residência, açougue e armazém de secos & molhados. Restaurada em 1973, recebeu o nome do cronista e historiador curitibano Alfredo Romário Martins (1874-1948). Hoje, a Casa é um centro cultural e referência histórica da cidade, administrada pela Fundação Cultural de Curitiba. (Fonte: GUIA GEOGRÁFICO, Curitiba. 2016)	 <p>FONTE: Curitiba Cult (2016)</p>

FONTE: A autora (2016).

QUADRO 7 – PRINCIPAIS ATRATIVOS DA ETNIA ÁRABE

ETNIA ÁRABE		
<p>Memorial Árabe</p>	<p>O memorial é uma espécie de colagem do estilo arquitetônico das edificações mouriscas lembradas no prédio por elementos como a abóbada, as colunas, os arcos e os vitrais. Situado sobre um espelho d'água, tem o formato de um cubo. Localizado na Praça Gibran Khalil Gibran, o memorial foi criado com o intuito de homenagear a cultura do Oriente Médio. Em seu interior funciona um café, e uma biblioteca essencialmente com exemplares relacionados a cultura árabe. (Fonte: CENTRO HISTÓRICO DE CURITIBA. Memorial Árabe, 2016)</p>	 <p>FONTE: Turismo Curitiba (2016)</p>
<p>Mesquita Imam Ali ibn Abi Talib</p>	<p>Inaugurado em 1972, o local surgiu da necessidade da comunidade árabe na capital paranaense em ter um espaço sagrado para as orações. O período construtivo durou dois anos e teve projeto arquitetônico de Kamal David Curi (cristão de origem árabe). A estrutura conta com uma cúpula central – ladeada por duas torres denominadas minaretes e orientadas em direção à cidade sagrada de Meca. No interior há escritórios; biblioteca; anfiteatro; e decoração produzida</p>	 <p>FONTE: Centro Histórico Curitiba (2016).</p>

	<p>através de doações realizadas pela comunidade muçulmana e empresários árabes da região. Ao dar à Mesquita de Curitiba o nome de “Imam Ali ibn Abi Tálib”, a comunidade muçulmana da cidade quis homenagear uma das mais importantes personalidades da história islâmica. O Imam (Guia Espiritual) Ali ibn (filho de) Abi Tálib era primo e genro do Profeta Muhammad (Maomé). Ele foi o grande conselheiro espiritual, político e militar de Abu Bakr, Omar e Othman, os três primeiros califas após o falecimento do Profeta, tornando-se ele próprio o quarto califa. (Fonte: Site CENTRO HISTÓRICO CURITIBA, 2016)</p>	
--	--	--

FONTE: A autora (2016).

Verificou-se antecipadamente, que todos os locais que serviram para o estudo, apresentavam estrutura adequada para receber alunos em visita, porém alguns se localizam demasiadamente distantes uns dos outros e do centro da cidade, mas que merecem atenção da mesma maneira.

3.3. COLETA DE DADOS

O instrumento utilizado para a coleta de dados foi o questionário. Foram levados em conta todos os aspectos necessários para solucionar o problema e esclarecer os objetivos do projeto.

Segundo DENKER (1998, p. 146), “a finalidade do questionário é obter, de maneira sistemática e ordenada, informações sobre as variáveis que intervêm em uma

investigação, em relação a uma população ou amostra determinada.” Para isto, é importante haver uma sequência lógica na elaboração das perguntas para que não haja confusão nem cause aborrecimento aos entrevistado.

O modelo do questionário aplicado aos responsáveis pela direção dos colégios selecionados para participar da pesquisa consta no Apêndice 1 deste trabalho.

A primeira pergunta diz respeito a realização de atividades das disciplinas fora da escola com os alunos. A questão se aplicada inicialmente para saber se a escola já tem ou não a prática de desenvolver atividades ou visitas fora da escola no período de aula com os alunos. O fato de o colégio já ter aderido ao método de levar seus alunos á aulas fora da escola nos transparece a predisposição que a escola teria de aderir a um roteiro pedagógico para aplicar em suas disciplinas.

A questão dois refere-se aos tipos de atividades ou visitas promovidas pela instituição de ensino. Desta forma, pode-se identificar quais os locais que o colégio determina ser interessante para seus alunos visitar, e que desempenhe uma ligação com temas estudados. A questão foi estabelecida para que que possa haver uma constatação da utilização de visitas e aulas práticas fora da sala de aula para conhecimento dos alunos, e a quais locais são direcionados os alunos com o intuito de aprendizado por parte da escola. A identificação das atividades propostas pelas escolas fez-se para que possa ser desenvolvido baseando-se no que já é realizada pela escola, uma proposta que aprimore o que a mesma desempenha relacionado a história e etnização.

A terceira pergunta destina-se ao levantamento sobre a ação do Estado diante de atividades diferenciadas oferecidas aos alunos. Questionava a respeito de haver algum tipo de incentivo por parte do Governo do Estado para a escola que queira desenvolver qualquer atividade que não seja dentro da escola, que necessite de recursos para incrementar o currículo escolar para beneficiar os alunos. A pergunta se direciona para o conhecimento da possibilidade de haver subsídios por parte da escola para desenvolver projetos que despendem de dinheiro para a elaboração e execução.

A quarta questão dirigia-se a viabilidade de transporte para os alunos. O deslocamento é um elemento imprescindível na execução de um roteiro, e, a questão abordada, busca identificar se há algum tipo de transporte próprio que o colégio pode utilizar, ou fornecido pelo governo para efetuar o deslocamento das crianças em

atividades e visitas fora da escola.

A pergunta número cinco do questionário indaga em relação ao conteúdo aplicado em sala de aula para os alunos. Faz referência ao tema sobre etnias, imigração e colonização de Curitiba, investigando em quais séries são abordados tais temas. Desta maneira pode-se identificar em quais séries é adequado o desenvolvimento de um projeto como o de um roteiro de turismo pedagógico relacionado ao assunto de colonização e legado étnico em Curitiba.

O interesse que o aluno dispõe para participar de atividades na escola é de suma importância para o aprimoramento de projetos incentivadores e para a educação e conhecimento intelectual do mesmo. A pergunta seis se refere ao nível de interesse que o diretor/educador pode observar por parte do aluno durante as atividades já desenvolvidas e ao longo das aulas sobre o assunto história de Curitiba, etnias, imigração e colonização. Esta questão abordada, trata-se um esclarecimento sobre a relevância que tal assunto tem para o aluno, o fascínio e entusiasmo que isto desperta para o mesmo, reconhecendo se vale a pena o investimento.

As próximas questões são voltadas a um aprofundamento na opinião dos questionados sobre a aplicação de um roteiro étnico-pedagógico nos colégios. A opinião dos diretores foi solicitada para que a formatação do roteiro seja de acordo com os elementos estabelecidos pelos questionados e se adéque ao método de ensino já desempenhado pelos professores.

A questão sete diz respeito a faixa etária. Trata de fazer um levantamento sobre qual a idade ideal que os alunos devem ter para poderem participar de uma atividade de roteiro turístico. Esse elemento é importante para que possa ser elaborado um roteiro que atenda adequadamente a faixa etária estabelecida, para não ser cansativo ou tedioso, procurado desenvolver dinamicamente a atividade.

A oitava pergunta faz-se referência a distância em que o roteiro poderia percorrer. A mesma, indagava sobre a opinião do entrevistado sobre a distância adequada que o roteiro deveria circular diante de alguma objeção ou regulamento que o colégio possa ter. Da mesma forma, a pergunta nove questiona sobre quanto tempo poderia ser disposto pela escola e pelos alunos para desempenhar este tipo de atividade, ou seja, quanto tempo pode ser gasto, para fins educativos, fora da sala de aula durante o período escolar. Este elemento remete suma importância para que se possa ser calculada a distância, e, da mesma forma, o tempo que o roteiro deverá despendar dos alunos para a execução da atividade.

A última questão faz alusão à quantidade de alunos que podem participar, ao mesmo tempo, da atividade de roteiro. A tendência de dispersão da atenção, brincadeiras e conversas durante a aula com uma turma com muitos alunos, é grande, portanto, se aborda a questão para que possa ser estabelecida uma quantidade de alunos considerável de forma com que concentrem sua atenção nas visitas e aproveitem melhor a atividade sem distrações que não convém ao processo de aprendizado.

O tópico a seguir, trata-se da análise dos resultados referentes a pesquisa executada com o objeto de coleta de dados acima descritos.

4. ANÁLISE DOS DADOS

No questionário, em questão, foram utilizados tabulações simples de perguntas abertas e fechadas.

A tabulação simples foi utilizada em somente duas das questões nas quais eram fechadas de sim ou não. As tabulações das perguntas abertas foi utilizada para as demais questões, as quais tinham o propósito de deixar o entrevistado livre para responder o que desejava sem se limitar a alternativas pré-estabelecidas.

Os questionários destinam-se a diretores de colégios estaduais da cidade de Curitiba, selecionados por se encontrarem a uma distância de aproximadamente 10km do centro da cidade, considerando como ponte de referência o Marco Zero da Fundação de Curitiba, localizado na Praça Tiradentes, para que pudessem relatar a respeito do currículo da disciplina de história, utilizado com os alunos e se dentre os assuntos abordados se encaixa temas sobre etnias e imigrações que compõe a identidade da cidade. As questões abertas do questionário tem por objetivo a descoberta da viabilidade de colégios estaduais públicos para aplicação como metodologia de ensino um Roteiro de Turismo Étnico-Pedagógico.

O questionário aplicado, compõe-se por nove perguntas abertas e uma fechada (sim ou não) direcionadas ao profissional diretor responsável que tem acesso ao plano curricular de conteúdo da escola.

A primeira pergunta direciona-se para ter o conhecimento se a escola já desenvolve algum tipo de atividade fora da escola com seus alunos. Todos os entrevistados que responderam ao questionário afirmaram já ter efetuado atividades

e visitas para fora da escola como complementação do conteúdo aplicado. A partir dessas respostas, pode-se identificar, que os colégios que os diretores que responderam ao questionário, tem o hábito de levar seus alunos para passeios ou aulas fora de sala para experiência e conhecimento dos mesmos e, também, como complementação das atividades já praticadas em sala de aula. Conclui-se que a probabilidade de o colégio que já proporcionou alguma atividade para seus alunos queira repetir o programa educacional é alta, com base nas respostas.

A pergunta número dois elaborada destina-se para o conhecimento de quais atividades e em quais locais os colégios costumam levar seus alunos para visitas técnicas pedagógicas. A tabela a seguir diz respeito a frequência com que os elementos apareceram nas respostas da questão.

QUADRO 8 – FREQUENCIA DE RESPOSTAS MENCIONADAAS PELOS ENTREVISTADOS

	FREQUÊNCIA	%
Museu	5	71,42%
Teatro	3	42,85%
Parques	3	42,85%
Outras cidades	2	28,57%
Zoológico	1	14,28%
Cinema	1	14,28%
Feiras de profissões	6	85,71%
Centros históricos	2	28,57%

FONTE: A autora (2016).

A maioria dos que responderam às perguntas, afirmaram terem levado seus alunos para visitas em feira de profissões (Universidades) e museus. Assim como, já ocorreram visitas em parques, teatro. Cita-se dentre as respostas que o colégio já levou seus alunos para assistir apresentações artísticas, usina de reciclagem, visita a Sanepar. Dentre as outras cidades mencionadas pelos participantes da pesquisa inclui-se Lapa, Morretes, Paranaguá, e toda a Região Litorânea. Não por coincidência, as cidades mencionadas pelos entrevistados, são cidades históricas no Paraná. A região de Morretes com mais de 300 anos de história e seu centro histórico singular. Paranaguá, com seu centro histórico que tamanha importância que fora tombado pelo Iphan. E, a cidade da Lapa, onde foi travado uma guerra entre Maragatos e Pica-paus, o Cerco da Lapa. Abrigando coronéis, tropeiros, generais, etc., a cidade tem significativo valor para a história do Estado.

As respostas dadas pelos entrevistados, evidencia que, estes aspectos da história do Paraná, também, são trabalhados em sala de aula, e fez-se importante a visita às mesmas para trabalhar com os alunos. O que, trata como positivo, o fator de repassar aos alunos temas do gênero, e a necessidade de ter algo que os estimule.

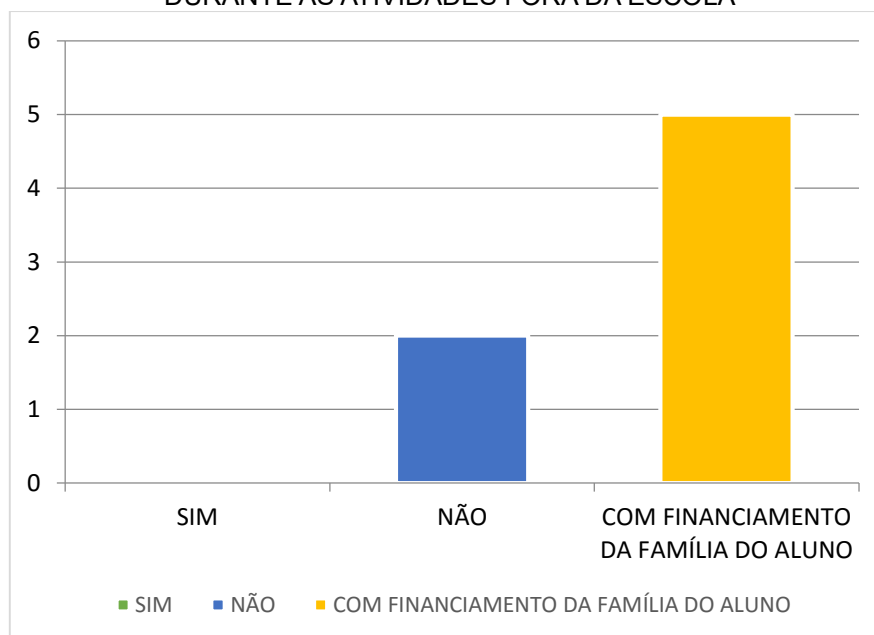
De acordo com a frequência que aparece nas respostas, se pode notar que é comum que as escolas levem seus alunos para visitar as feiras de profissões nas Universidades locais. Mais importante ainda, é o que além das feiras, os principais atrativos visitados pelas escolas são museus, parques, assim como, outras cidades, o que abrange características diferentes das ao seu redor e aumenta o campo do conhecimento, e desperta interesse no aluno. Isto demonstra que além da escola ter interesse em levar seus alunos para conhecer lugares diferentes, em especial atrativos que demonstram um pouco da história.

A pergunta número três dizia respeito da possibilidade de haver algum subsídio oferecido pelo estado para desenvolver atividades fora da sala de aula

A resposta para esta pergunta fez-se unânime, todos responderam que não recebem nenhum incentivo por parte do governo do Estado para auxiliar nessas atividades extra-classes. Mesmo sendo escolas estaduais públicas, não há nenhum subsídio do estado para executar atividades práticas de conteúdo escolar. Este aspecto se mostrou negativo, já que é sempre importante, que se tenha subsídios, ou algum incentivo para a prática de atividades diferenciadas, caso contrário, não são realizados nenhum trabalho diferente com os alunos.

A pergunta quatro trata-se da disponibilidade de transporte por parte do colégio. Se há um transporte próprio ou fornecido pelo estado para que os alunos e professores pudessem se deslocar durante as atividades fora da escola.

GRÁFICO 1 – DISPONIBILIDADE DE TRANSPORTE PARA LOCOMOÇÃO DOS ALUNOS DURANTE AS ATIVIDADES FORA DA ESCOLA

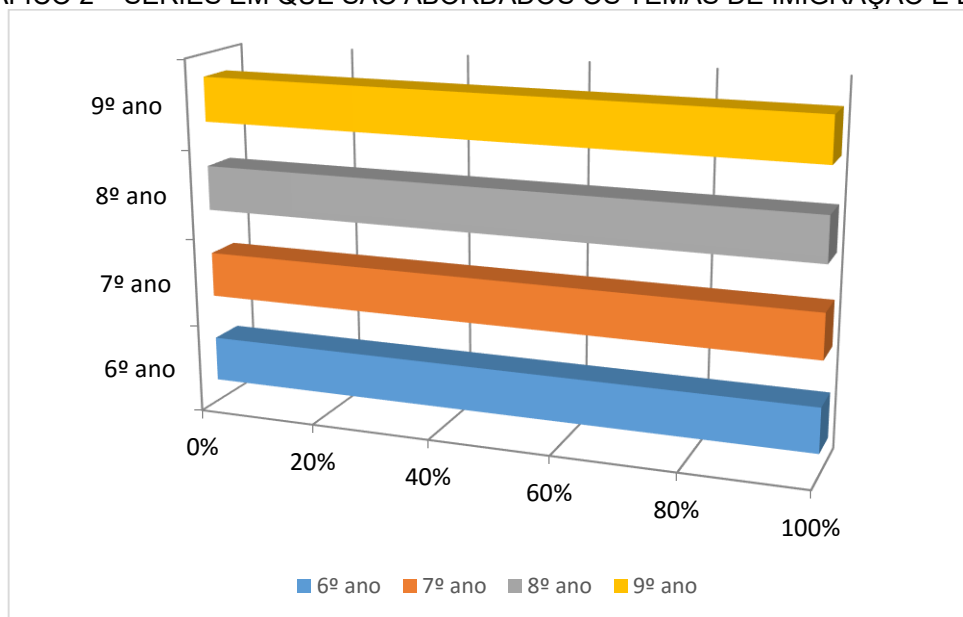


FONTE: A autora (2016).

Segundo as respostas dadas, dois dos colégios responderam que não há o transporte. Da mesma forma, cinco colégios mencionaram que, também, não há o transporte, mas quando propõe-se atividades que necessitem de dinheiro para executá-las, ou a escola se dispõe a bancar os custos com alguma verba, ou se é solicitado o financiamento do transporte aos pais ou família do aluno que participará da atividade. Assim como não há subsídios financeiros para a execução das atividades, também não há disponibilidade de transporte como ônibus ou vans para deslocar os alunos da escola até o destino proposto. Mas, quando necessário, os pais fornecem dinheiro para bancar a atividade proposta pela escola.

A questão cinco foi questionado sobre o tema de etnias, levantando em quais séries são abordados esse tema no conteúdo repassado aos alunos.

GRÁFICO 2 – SÉRIES EM QUE SÃO ABORDADOS OS TEMAS DE IMIGRAÇÃO E ETNIA



FONTE: A autora (2016).

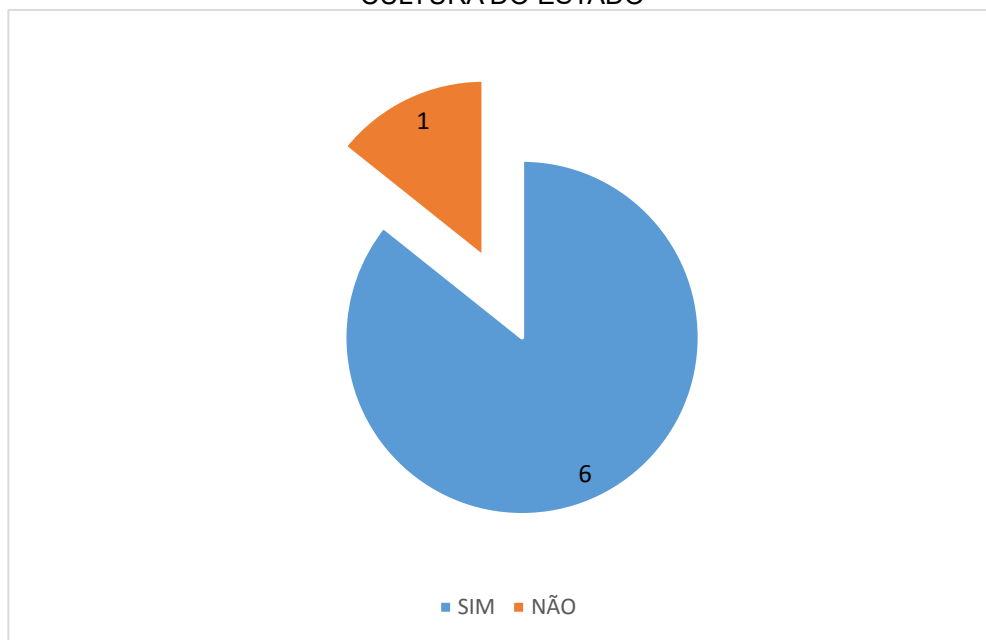
Todas as respostas dadas mencionaram que o tema sobre as imigrações e etnias são abordados a partir do 6º ano do ensino fundamental, incluindo o 7º, 8º até o 9º ano, pois, segundo colocado por um dos participantes “Faz parte do Plano Curricular Nacional”.

Segundo a cartilha de Parâmetros Curriculares Nacionais (1998, p. 30), “o saber histórico tem, desse modo, possibilitado e fundamentado alternativas para métodos de ensino e recursos didáticos, principalmente para valorizar o aluno como sujeito ativo no processo de aprendizagem.” Como os objetivos propostos nesse plano envolvem levantamentos de descendência, procurando incentivar o aluno descobrir onde se pertence, quanto a nacionalidade, etnia, língua, religião e tradições culturais.

Desta maneira, pode-se concluir que o tema de etnia é trabalhado em sala de aula, e que a partir destes assuntos abordado com os alunos é viável a estruturação de um roteiro para integrar o conteúdo dado.

O item número seis questiona, se a partir da observação do educador, se há o interesse dos alunos em conhecer sobre as etnias, a cultura e a história de imigração do Estado.

GRÁFICO 3 – INTERESSE DOS ALUNOS EM APRENDER SOBRE AS ETNIAS, HISTÓRIA E CULTURA DO ESTADO



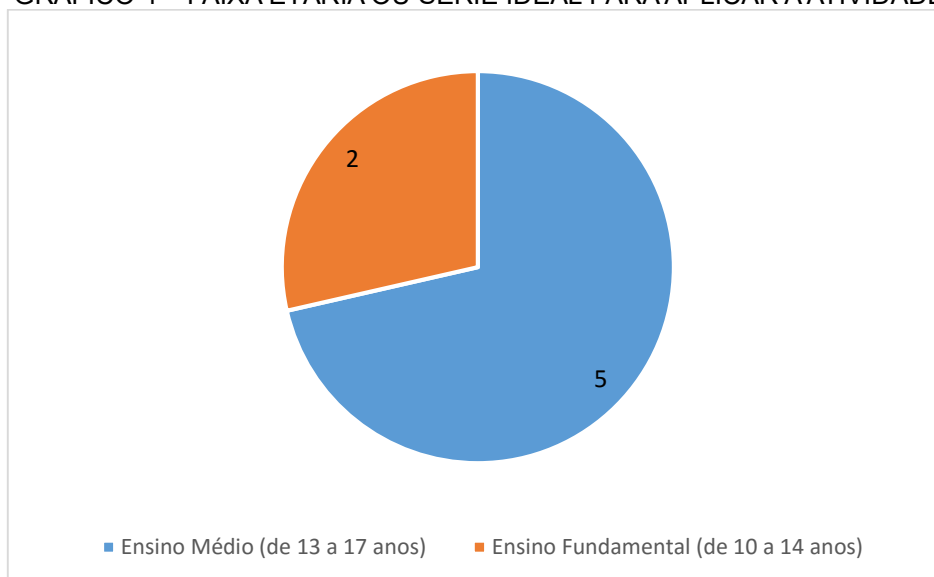
FONTE: A autora (2016).

Segundo os educadores que responderam a pesquisa em sua maioria acham que os alunos demonstram sim interesse e motivação para aprender sobre o tema, Apesar de depender da disposição de cada aluno, os professores notam o interesse que eles tem no que diz respeito à cultura, história, memórias e etnias. Isto demonstra que os alunos acham atrativa a matéria e com mais recursos possam se empenhar mais no aprendizado.

As próximas quatro perguntas estão direcionadas á opinião dos participantes quanto a elaboração de um roteiro étnico nas escolas. Foram estipuladas, para que possa ser composto uma atividade na qual encaixe nas preferências dos diretores dos colégios, e, para que possa ser aplicada.

A questão sete averigua-se qual seria a melhor faixa etária ou série para se trabalhar com um roteiro de visitas fora da escola.

GRÁFICO 4 – FAIXA ETÁRIA OU SÉRIE IDEAL PARA APLICAR A ATIVIDADE



FONTE: A autora (2016).

Respondendo a essa questão, cinco dos participantes apontaram as faixas etárias que compõe o Ensino Médio, entre 14 e 17 anos. Por outro lado, dois dos participantes acreditam que a faixa etária ideal seria entre 10 e 14 anos, idade que compõe em média, o ensino fundamental.

Como já questionados em uma pergunta anterior (Gráfico 2), sobre qual a série em que são abordados os temas de história, imigração e etnias, as respostas foram unânimes no ensino fundamental, entre o sétimo e o nono ano, porém, quando questionados sobre qual a faixa etária ideal para aplicar o projeto de roteiro, os entrevistados responderam em sua maioria entre 13 e 17 anos, idade média dos alunos que compõe o ensino médio. Isto pode ter ocorrido, pelo fato de uma tentativa de resgate do assunto para os alunos desta faixa etária, que já foram lecionados nas séries anteriores.

A proposta do roteiro étnico-pedagógico se encaixaria para os alunos entre as sétimas e nonas séries, no intuito de servir como aula prática de visita aos atrativos étnicos da cidade e como complemento do conteúdo abordado em sala de aula.

A pergunta número oito busca-se pela opinião do educador em relação a distância ideal que o roteiro tenha para que possa ser aplicado na escola.

QUADRO 9 – OPINIÕES SOBRE A DISTÂNCIA DO ROTEIRO

OPINIÕES
Uma distância pequena, 5km
Uma distância que não ultrapasse Curitiba e RMC
Não ultrapasse 15km
O quanto for necessário
Somente na região de Curitiba
Não sei opinar a respeito
--

FONTE: A autora (2016).

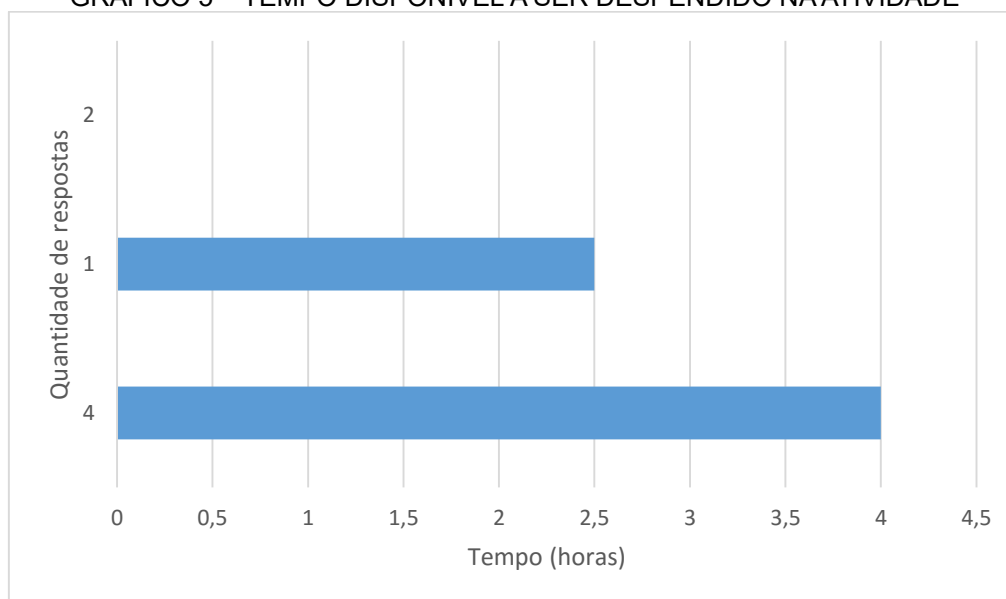
Foi preferível colocar um resumo das opiniões dos entrevistados para que possa ser mais bem esclarecido.

Nem todos os participantes souberam responder sobre a distância ideal para o roteiro. Um deles mencionou a distância de 5km, assim como o outro participante que estipula máximo de 15km. Outros três, deixaram em aberto a distância, concordando que seja dentro da cidade de Curitiba ou Região Metropolitana. Desta maneira, pode-se considerar que a escola está disposta a percorrer uma distância considerável para poder concretizar a atividade e, também, não atribui a distância a um fator de empecilho para cumprir um possível roteiro proposto.

A distância a ser percorrida pelo roteiro varia pela região, pois existem atrativos em certos locais que entre um atrativo e outro a distância é demasiada para poder ser percorrida num só roteiro. E, a distância estipulada por alguns dos entrevistados, nos permite trabalhar com diversos atrativos.

O nono questionamento diz respeito a quantidade ideal de tempo para ser disposto no exercício da atividade do roteiro.

GRÁFICO 5 – TEMPO DISPONIVEL A SER DESPENDIDO NA ATIVIDADE



FONTE: A autora (2016).

Nesta pergunta se nota variação nas respostas em que, quatro dos questionados responderam que seria conveniente que a atividade durasse em média de 4 horas, ou seja, se encaixasse no turno escolar. Outra pessoa opina que, não deva ultrapassar 2 horas e 30 minutos. Outros dois participantes da pesquisa não souberam dizer o que seria ideal para compor o roteiro. A partir da maioria citada, pode-se reconhecer que as escolas despendem do tempo integral do turno, ou pelo menos metade dele, para que os alunos possam participar das atividades. Este aspecto aponta que o tempo estimulado pelos entrevistados é um tempo adequado para que possa ser aplicada a atividade, incluindo as visitas no itinerário do roteiro proveitosamente.

A última questão, identifica-se a quantidade de alunos ideal para que a atividade de roteiro seja aplicada e tenha o aproveitamento esperado por parte dos alunos.

As opiniões sobre a quantidade de alunos idealizada para praticar o roteiro variaram entre vinte, trinta e trinta e cinco alunos. Este número de alunos sugeridos para participar do roteiro é uma quantia considerável para que possa ser aproveitado adequadamente. Se demonstra que, a escola está disposta a envolver, ao menos, uma turma inteira neste tipo de atividade.

Como parte da pesquisa, se elabora um levantamento dos principais atrativos étnicos de Curitiba. Além dos principais atrativos, nesse levantamento consta a distância entre esses atrativos, e o tempo que demora o percurso de automóvel/ônibus

entre eles.

QUADRO 10 – PRINCIPAIS ATRATIVOS ÉTNICOS, DISTÂNCIA E TEMPO EM RELAÇÃO AO CENTRO DA CIDADE

	KM	TEMPO
Portal Italiano - Santa Felicidade	4,8km	20min
Casa Culpí	11km	25min
Praça Garibaldi	1,5km	8min
Restaurantes	-	-
Portal Polonês	2,7km	11min
Bosque João Paulo II	2,8km	12min
Igreja de Santo Estandislaú	1,5km	6min
Bosque Alemão	4,1km	14min
Catedral Metropolitana Basílica Menor	1,2km	6min
Ferraria Müller	1,8km	10min
Igreja Presbiteriana	1,8km	8min
Memorial Ucrâniano	6,1km	18min
Igreja Ortodoxa de São Demétrio	4km	15min
Praça da Ucrânia	4km	15min
Praça do Japão	3,5km	11min
Praça Himeji	3,5km	13min
Igreja N. Sr ^a do Rosário dos Pretos de São Benedito	1km	12min
Bosque de Portugal	5,8km	15min
Casa Romário Martins	1km	5min
Marco da Fundação de Curitiba	700m	10min
Largo da Ordem	1km	5min
Memorial Árabe	1km	6min
Mesquita Iman Ali ibn Abi Talib	1km	12min

FONTE: A autora (2016).

O quadro acima demonstra o máximo de distância que o roteiro poderá atingir que é cerca de 11km do centro onde se encontra o Portal Italiano na entrada do bairro de Santa Felicidade. As distâncias em relação ao centro foi levantada para que possa ter uma ideia da proporção de quilômetros em relação ao ponto mais movimentado da cidade, e para que possa ser calculado quanto tempo o atrativo mais distante gastaria do tempo do roteiro.

Esses elementos foram utilizados para chegar em uma média de tempo estimado que o roteiro deve ter, e a distância que percorre para se adequar às opiniões dos entrevistados.

A partir dos dados coletados acima sobre a disposição e distância dos atrativos, como se estabelecerá uma forma mais adequada de roteiro étnico pedagógico para atender a demanda escolar.

Os resultados demonstram que seria viável o desenvolvimento de um roteiro étnico pedagógicos para os colégios de Curitiba, já que estão dentro dos elementos colocados e das opiniões dadas pelos participantes da pesquisa elaborada e do

levantamento dos atrativos étnicos de da cidade.

5. PROJETO DETURISMO

Conforme tabulação e análise dos questionários aplicados, foi possível propor um modelo de roteiro turístico étnico pedagógico para os colégios estaduais utilizarem como complemento nas disciplinas no contexto de história, imigrações e etnias que, de acordo com as respostas obtidas através da pesquisa, possa condizer à realidade municipal.

Deste modo, nesta parte, é proposto um roteiro de turismo pedagógico para ser aplicado pelos colégios no município de Curitiba, juntamente com a elaboração de um material didático, e descreve-se suas fases.

5.1. DESCRIÇÃO

Como já mencionado, a proposta de projeto é o desenvolvimento de um roteiro de turismo étnico-pedagógico para os colégios públicos de Curitiba, e para o acompanhamento do mesmo, a produção de um material didático para trabalhar com os alunos durante o percurso.

O itinerário do roteiro turístico étnico pedagógico se localiza dentro dos limites da cidade de Curitiba.

Os elementos que compõe o roteiro são atrativos de caráter histórico e étnico que estão distribuídos por toda a cidade. São legados de arquitetura, religião ou monumentos e locais construídos em homenagem aos povos que colonizaram a cidade, e ajudaram na composição da identidade de seus moradores.

Inicialmente, como uma proposta institucional, o roteiro e o material didático surgem não para ser comercializado por agências e operadoras, mas para ser aderido pelos colégios estaduais. A promoção do mesmo deverá ser realizada pela instituição de ensino.

Os temas a serem trabalhados ao longo da prática de execução do roteiro estão associados aos atrativos de legado étnico da cidade de Curitiba e também, sobre as principais etnias que compõe a cidade adaptados, juntamente do conteúdo repassado ao aluno em sala de aula pelos professores. Entre estes conteúdos estão: colonização, etnias, legados étnicos.

No material didático proposto juntamente do roteiro, terá este objetivo, de conter um resumo de informações sobre cada atrativo que compõe o roteiro, além, também, de conter um conteúdo resumido sobre as principais etnias relacionadas aos atrativos visitados, facilitando a compreensão e acompanhamento dos alunos.

O público para qual o projeto do roteiro será direcionado serão alunos entre dez e quatorze anos, faixa etária, na qual, compõe em média os alunos de ensino fundamental entre o 5º e o 9º anos escolar, como sugerido na pesquisa. Os alunos deverão ser conduzidos pelos professores das respectivas matérias que abordam os temas do roteiro.

Visando o objetivo de desenvolver o conhecimento sobre a história e o legado étnico da cidade, o roteiro será aplicado na cidade de Curitiba, não tendo nenhuma região específica mas optou-se pelo fator distância entre atrativos para melhor adequar a realidade do colégio em que for aplicado.

Deve ser administrado pelos professores da matéria de história e realizado pelos mesmos com a supervisão da direção para avaliar o desempenho dos professores no repasse de informações aos alunos e a efetiva ação do projeto.

A capital do Paraná possui um rico conteúdo histórico e étnico que deve ser repassado aos seus alunos. O desenvolvimento do roteiro será de grande importância o que pode num processo de valorização dos aspectos culturais e históricos da própria região. O motivo pelo qual o projeto do roteiro de turismo étnico-pedagógico deve ser aderido é para dinamizar o processo de ensino para os alunos e professores. O projeto deve despertar ainda mais o interesse desses jovens para o estudo, as atividades pedagógicas devem ultrapassar o espaço das salas de aula, dinamizando atividades interativas e fora da escola capazes de variar as estratégias de aprendizagem que façam com que a interação e/ou a visita aos locais propostos estimulem a curiosidade do conhecimento. A proposta colocada, será ideal para estimular a disposição dos alunos para conhecer a história e o legado étnico que compõe a formação cultural da cidade de Curitiba atualmente.

O projeto desenvolvido deve ser realizado pela escola, com a disponibilidade de um professor, de preferência o responsável pela disciplina de história, para que possa repassar o conteúdo histórico e relevante dos atrativos ao longo do percurso. Os alunos deverão ser conduzidos aos determinados atrativos com auxílio de um transporte adequado para levar cerca de vinte a trinta alunos. O percurso será disposto para que os professores possam explicar sobre a história dos pontos pre

determinados ao longo do caminho, e enquanto visitam os mesmos.

O custo para a aplicação do projeto derivará da contratação de profissionais para desenvolver o itinerário do roteiro e fazer o design e produzir o material informativo para utilizar durante a execução da atividade.

5.2. ETAPAS PARA EXECUÇÃO DO PROJETO

O projeto visa de maneira geral, a implementação de um roteiro de turismo étnico pedagógico para que possa ser aplicado para os alunos dos colégios estaduais públicos, da mesma maneira que objetiva o desenvolvimento de um material didático que sirva de informativo, que oriente e motive os mesmos a conhecer sobre as etnias da cidade através deste roteiro.

Por intermédio dos professores e diretores, essa atividade guiada objetiva ser aplicada como metodologia de ensino juntamente com o conteúdo teórico repassado em sala de aula para os alunos. Para a aplicação do projeto o mesmo será dividido em 2 etapas distintas, além de mais etapas complementares para facilitar o entendimento e a real explicação.

5.2.1. Etapa 1: Pesquisa e Criação

A primeira etapa objetiva o levantamento de informações importantes a serem repassadas para os alunos ao longo do percurso sobre os atrativos e pontos de visita. Nesta etapa é de suma importância a participação de pessoas que têm conhecimento do tema etnias, ou seja, o professor do colégio que leciona a matéria de história que possa trabalhar o conteúdo relacionado ao tema em sala de aula e na prática da atividade.

O quadro 11, a seguir, visa exemplificar as ações desta etapa inicial, assim com o prazo estimado de cada uma e suas respectivas prioridades. As codificações utilizadas com relação aos prazos serão equivalentes a: longo prazo: LP, médio prazo: MP e curto prazo: CP. Considerando as codificações quanto a prioridade serão elas: alta prioridade: AP, média prioridade: MP e baixa prioridade: BP.

QUADRO 11 – ETAPA 1 - PESQUISA E CRIAÇÃO

ETAPA 1 – PESQUISA E CRIAÇÃO		
Objetivo: Levantamento das informações necessárias e criação de um material didático a ser utilizado durante o roteiro.		
AÇÕES	PRAZO	PRIORIDADE
Levantamento de Itinerários já existentes	CP	MP
Levantamento de atrativos turísticos	CP	MP
Levantamento de custos	CP	MP
Escolha da região a ser aplicado	CP	MP
Análise e cruzamento de informações	MP	AP
Criação da identidade visual do projeto	LP	AP
Produção de material informativo	MP	AP
Revisão e Acompanhamento de resultados do projeto	LP	AP
Resultado pretendido: Criação do roteiro e dos materiais a serem utilizados na execução do roteiro com informações sobre os pontos visitados		

FONTE: A autora (2016).

O levantamento de itinerários já existentes servirá como modelo no desenvolvimento de um roteiro do tipo itinerário baseado na proposta de turismo étnico pedagógico. Acontece em curto prazo e tem média prioridade devido ao avanço da atividade que depende deste elemento.

Ao longo de todo o trabalho já foram levantados atrativos relacionados ao legado étnico da cidade de Curitiba que serão os componentes do roteiro de turismo étnico pedagógico. Desta forma, acontece em curto prazo, pois os atrativos já estão listados para a composição da atividade.

Levantamento de custos acontece em curto prazo e com média prioridade, pois, pode variar de acordo com os atrativos escolhidos assim como, a escolha da região a ser aplicado o roteiro, com a possibilidade ou não de contratação de ônibus para o percurso, e da opção do desenvolvimento e criação do material informativo.

Quanto aos recursos humanos e financeiros, serão listados abaixo no quadro 12 suas respectivas funções nesta primeira etapa de pesquisa e criação.

QUADRO 12 – ETAPA 1 – RECURSOS HUMANOS E FINANCEIROS

RECURSOS HUMANOS E FINANCEIROS		
AÇÕES	RECURSOS HUMANOS	RECURSOS FINANCEIROS
Levantamento de itinerários já existentes	Profissional de turismo	R\$ 1.206,45*
Levantamento de atrativos turísticos	Profissional de turismo	*corresponde ao valor dado acima ao profissional
Levantamento de custos para a execução do projeto	Profissional de turismo	*corresponde ao valor dado acima ao profissional
Escolha das regiões a ser aplicado	Professor de História do colégio	*valor implícito no salário mensal
Análise e cruzamento de informações	Profissional de turismo	*corresponde ao valor dado acima ao profissional
Criação da identidade visual do projeto	Profissional de design	R\$ 1.442,20
Produção do material informativo	Gráfica	R\$ 1.232,00
Revisão e Acompanhamento dos resultados do projeto	Professores e Profissional de turismo	*corresponde ao valor dado acima aos respectivos profissionais
Custo total referente a primeira etapa	R\$ 3.880,65	

FONTE: A autora (2016).

Tendo em vista que os colégios envolvidos são de iniciativa pública do governo do estado, o professor de história é pago por mês regularmente, não tendo nenhum adicional ao seu salário por auxiliar neste projeto, e nenhum valor a mais a ser despendido para a execução do mesmo. Nesta projeção financeira considera-se a proposta de um modelo de material informativo e o piso salarial dos profissionais que serão necessários para o desenvolvimento do mesmo, de acordo com o Site Nacional de Empregos – SINE, e o Portal da Transparência do Governo do Estado para estabelecer a média salarial do professor.

Segundo a Lei Nº 18.776 de 01 de maio 2016 do Governo do Estado do Paraná, Art. 1º, que trata sobre o piso salarial no Estado de diversas categorias

profissionais, o piso salarial no valor de R\$ 1.234,20 (mil duzentos e trinta e quatro reais e vinte centavos) é válido para turismólogo, dentre outros profissionais do Grupo III, estabelecido na Lei. De acordo com o **Site Nacional de Empregos** (SINE) existe uma média salarial de acordo com o nível profissional e com o porte da empresa. Fazendo uma média entre os valores treinee, e do piso médio salarial, chega-se ao valor de R\$ 1.206,45 (Um mil, duzentos e seis reais e quarenta e cinco centavos) considerando ser um serviço de atendimento e consultoria não contratação para uma empresa.

Da mesma forma acontece com o designer gráfico. Segundo a mesma, a Lei Nº 18.766 de 01 de maio 2016 do Governo do Estado do Paraná Art. 1º, o piso salarial no valor de R\$ 1.234,20 (Um mil, duzentos e trinta e quatro reais e vinte centavos) é válido para trabalhadores de artes gráficas, dentre outros profissionais do Grupo II estabelecido na Lei. E, de acordo com o SINE, existe uma média salarial da mesma maneira como a do turismólogo, de acordo com o nível profissional e porte da empresa contratante. Estabelecendo uma média entre os valores de treinee e piso salarial, chega-se ao valor de R\$ 1.442,20 (Um mil, quatrocentos e quarenta e dois reais e vinte centavos), e do mesmo modo como o turismólogo, seria um serviço somente de atendimento e produção do material somente não como contratação de uma empresa.

O valor dos materiais impressos variam de acordo com o conteúdo e quantidade. Para uma média de 2.500 (duas mil e quinhentos) unidades modelo estabelecido na demonstração (Figuras 1, 2, 3, 4, 5, 6 e 7), levanta-se a média de valor de R\$ 1.232,00 para a produção do material, de acordo com um site de produção de material gráfico.

Todos os recursos financeiros devem ser disponibilizados através da Secretaria de Educação do Estado, ou qualquer outra Secretaria ou entidade ligada ao Governo do Estado.

QUADRO 13 – ETAPA 1 - TEMPO DE EXECUÇÃO DO PROJETO

TEMPO DE EXECUÇÃO	
AÇÕES	TEMPO
Levantamento de itinerários já existentes	3 semanas
Levantamento de atrativos turísticos	3 semanas
Levantamento de custos para a execução do projeto	3 semanas
Escolha das regiões a ser aplicado	2 semana

Análise e cruzamento de informações	1 mês
Criação da identidade visual do projeto	2 semanas
Produção do material informativo	1 mês
Revisão e Acompanhamento dos resultados do projeto	3 meses
TEMPO TOTAL:	8 meses

Fonte: A autora (2016)

Como apontado acima, esta etapa visa o levantamento e organização de informações levantadas pelos profissionais de turismo e colaboradores dos colégios que aderirem ao projeto, além da elaboração do material informativo e guia do roteiro pelo profissional de design gráfico e pela empresa gráfica que produzirá o material. Estima-se que o tempo necessário para a conclusão da etapa inicial é de cerca de oito meses, baseado na dificuldade e preparação para execução. É importante a articulação dos colégios envolvidos com o projeto, possibilitando o desenvolvimento e crescimento do projeto.

5.2.2. Etapa 2: Execução, Divulgação e Controle

A segunda etapa objetiva a divulgação e a execução do projeto, sendo ela necessária para a conclusão do desenvolvimento e produção do material informativo e da realização do roteiro como prática de ensino.

No quadro 14, a seguir, lista-se as ações a serem desenvolvidas.

QUADRO 14 – ETAPA 2 - EXECUÇÃO E DIVULGAÇÃO

ETAPA 2 – EXECUÇÃO E DIVULGAÇÃO		
Objetivo: Fomento a utilização do roteiro como método de aula prática a partir da divulgação efetiva para os colégios estaduais da cidade		
AÇÕES	PRAZO	PRIORIDADE
Divulgação e incentivo através da Secretaria de Educação	LP	AP
Distribuição dos materiais informativos	MP	AP
Monitoramento quanto ao retorno do projeto	LP	MP
Resultado pretendido: Desenvolvimento dos materiais didático/informativos		

e execução do roteiro pelos colégios por intermédio de divulgação da Secretaria de Educação

FONTE: A autora (2016).

A intenção do incentivo e divulgação através da Secretaria de Educação, ocorre devido a quantidade de escolas e colégios que a secretaria abrange e tem influência sobre.

Quanto aos recursos humanos e financeiros necessários para a segunda etapa, destaca-se no quadro 15 abaixo.

QUADRO 15 – ETAPA 2 - RECURSOS HUMANOS E FINANCEIROS

RECURSOS HUMANOS E FINANCEIROS		
AÇÕES	RECURSOS HUMANOS	RECURSOS FINANCEIROS
Distribuição dos materiais informativos	Colaboradores da Secretaria de Educação e dos colégios	-
Divulgação e incentivo através da Secretaria de Educação	Colaboradores da Secretaria de Educação	-
Monitoramento quanto ao retorno do projeto	Professores de história	-
Custo total referente à segunda etapa =	R\$ 00,00	

FONTE: A autora (2016).

O custo desta segunda etapa é nulo, pois se prevê a permuta de serviços pagos na primeira etapa, ou seja, o profissional de turismo pago na primeira etapa, permanece no projeto até o final, com o valor já quitado a ele. O mesmo acontece com o professor. O valor cobrado pelo designer é pago somente na primeira etapa, pois o material e a produção do mesmo pela gráfica não serão necessários na etapa de execução, divulgação e controle.

Quanto a divulgação, deverá ser realizado pela secretaria de educação, e caberá aos colégio que utilizarem o roteiro promover sua divulgação.

QUADRO 16 – ETAPA 2 - TEMPO DE EXECUÇÃO

TEMPO DE EXECUÇÃO	
AÇÕES	TEMPO ESTIMADO
Distribuição dos materiais informativos	1 mês
Divulgação e incentivo através da Secretaria de Educação	1 mês
Monitoramento quanto ao retorno do projeto	2 meses
TEMPO TOTAL:	4 meses

Fonte: A autora (2016)

O tempo estimado para a aplicação da segunda etapa é de aproximadamente quatro meses, considerando que a distribuição dos materiais informativos ocorre de forma rápida e a maior parte deste prazo estipulado deve envolver a divulgação do projeto para as instituições de ensino público, que deve ser contínua até haver a difusão do novo produto.

5.2.3. Demonstração

Com a intenção de exemplificar o modo como poderá ser desenvolvido o material informativo do roteiro, como mostra as FIGURAS de 1 a 7. Baseado na pesquisa realizada, elabora-se um material com alguns atrativos étnicos, utilizando de tempo e distâncias consideráveis para poder ser utilizado.

FIGURA 2 – CAPA MATERIAL INFORMATIVO




FONTE: A autora (2016).

FIGURA 3 – PRIMEIRA PÁGINA – DESCRITIVO DOS ATRATIVOS I

1 **Marco Zero da Fundação de Curitiba**


Representando o poder legalmente constituído do governo português e a caracterização de Curitiba como vila, está um monumento localizado na Praça Tiradentes erguido em 29 de Março de 1693, e possui o símbolo do Rei de Portugal. O destino foi escolhido após os pioneiros terem habitado inicialmente a região do Atuba (Vilinha ou Vila Velha). O monólito construído representa o poder legalmente constituído do governo português e a caracterização de Curitiba como vila, no dia 29. O marco zero de Curitiba, que é um marco de referência geodésica, está instalado próximo ao monólito.

A importância atual é visível na rotina curitibana. A Praça Tiradentes une o novo e o antigo. É um importante núcleo de comércio, Terminal de Ônibus – ponto inicial da Linha Turismo; e tem em sua extensão monumentos que homenageiam nomes como Tiradentes, Getúlio Vargas e Marechal Floriano Peixoto. Uma passarela de vidro possibilita que o transeunte observe o calçamento antigo da região. Localiza-se entre as Ruas Cruz Machado, do Rosário, Cândido Lopes e Barão do Sero Azul.




2 **Catedral Basílica Menor N. Sr.ª da Luz**

Localizada onde Curitiba nasceu como cidade, na Praça Tiradentes, inicialmente era uma pequena capela de madeira, que em 1715 foi elevada à Primeira Igreja Matriz. Foi então erguida outra matriz, de pedra e barro, em estilo colonial. Em 1860, por ocasião do levantamento das torres, a construção apresentou rachaduras o que motivou, em 1875, sua completa demolição. Neste período a Igreja Matriz passou a ser a Igreja do Rosário. A inauguração da atual igreja, foi em 1893, construída em estilo neo-gótico e inspirada na Sé de Barcelona. A imagem original, dedicada a Nossa Senhora da Luz, veio de Portugal em entronizada em 1720. As referências da cultura alemã se encontram no relógio da torre, um dos sinos de bronze, os detalhes da carpintaria, as janelas e o envidraçamento.




4 **Igreja Presbiteriana Independente**

A igreja localizada no Centro Histórico foi a primeira das cinco edificações construídas pela Igreja Presbiteriana Independente de Curitiba. Inaugurada em 1934, a Igreja tem estilo neoclássico, com influência alemã em seu interior. A cúpula e um dos principais elementos da obra, e um dos locais mais fotografados do Centro Histórico. Formada por colunas cilíndricas, é um dos pontos mais altos da região.



3 **Praça Garibaldi**

Antes de ser inaugurada, em 1946, com o nome de Praça Garibaldi, sua denominação primeira foi Praça Dr. Faria Sobrinho e, mais tarde Praça do Rosário. Está no Setor Histórico de Curitiba e abriga construções e monumentos que contam a história da cidade. Exemplo disso é o Palacete Wolf, a Igreja do Rosário, a Sociedade Garibaldi, em estilo neo-clássico, a Igreja Presbiteriana Independente, um projeto do engenheiro Henrique Estrela Moreira de 1931, também em estilo neo-clássico, com decoração alemã no seu interior e a antiga "Mansão de Nhã França" construída em 1890 por Ignácio de Paula França e hoje transformada no Solar do Rosário. Seu nome foi dado em homenagem ao herói da unificação italiana, Giuseppe Garibaldi.



FONTE: A autora (2016).

FIGURA 4 – SEGUNDA PÁGINA – DESCRITIVOS DOS ATRATIVOS II

5

Igreja do Rosário

Consta como sendo a segunda igreja de Curitiba, construída por escravos em 1737. Era a igreja dos pretos de São Benedito. Com a abolição da escravidão, perdeu sua razão de ser, só sendo conservada por estar localizada junto ao caminho do cemitério. Passou a ser chamada a igreja dos mortos, onde os defuntos eram enterrados. Durante a construção da atual catedral de Curitiba, serviu de matriz (1875-1893). Seu estilo era originariamente colonial. Em 1931 foi demolida dado o seu péssimo estado de conservação. Em 1946, a nova igreja do Rosário foi inaugurada. Seu interior atualmente, abriga azulejos portugueses, com a Via Sacra da Paixão, e o túmulo do Monsenhor Celso, antigo pároco de Curitiba, falecido em 1931. Aos domingos às 8h é celebrada a Missa do Turista e Feriantes.



6

Largo da Ordem

Fechara para o tráfego de veículos na primeira gestão do então prefeito Jaime Lerner, tal região passou a receber mais atenção e cuidados por parte das autoridades locais. Com significativo papel histórico, cultural e social, tem nas suas imediações construções dos séculos XVIII e XIX, que atualmente encontram-se restaurados e adaptados para utilização comercial.

Desde o século XVIII, o largo foi palco de intenso e variado comércio, quando os colonos levavam de carroça produtos hortifrutigranjeiros, e compravam nas casas comerciais. Os tropeiros e fazendeiros da região costumavam dar de beber a seus cavalos e mulas no bebedouro, ainda hoje existente, no centro do Largo da Ordem, em frente à Igreja da Ordem e a Casa Romário Martins. Datado de meados do século XVIII, é construído em pedra, com uma bacia metálica. Sua arquitetura conta com influência portuguesa e alemã, esta com características mais urbanas.



7

Ferreira Müller

De propriedade de Michael Müller, o primeiro dos alemães da cidade. Possui muitos terrenos na região da Praça 19 de Dezembro, e etc. A fama de pioneiro de Michael tornou-se tão grande que foi visitado na Ferraria, pelo Imperador do Brasil, D. Pedro II, na viagem ao Paraná em 1880. Mantendo as paredes circundantes da Ferraria, fora construído em lugar desta, o Shopping Müller. As paredes circundantes da ferraria fora preservado, mas seu interior seguiu ao estilo moderno ao longo dos anos.



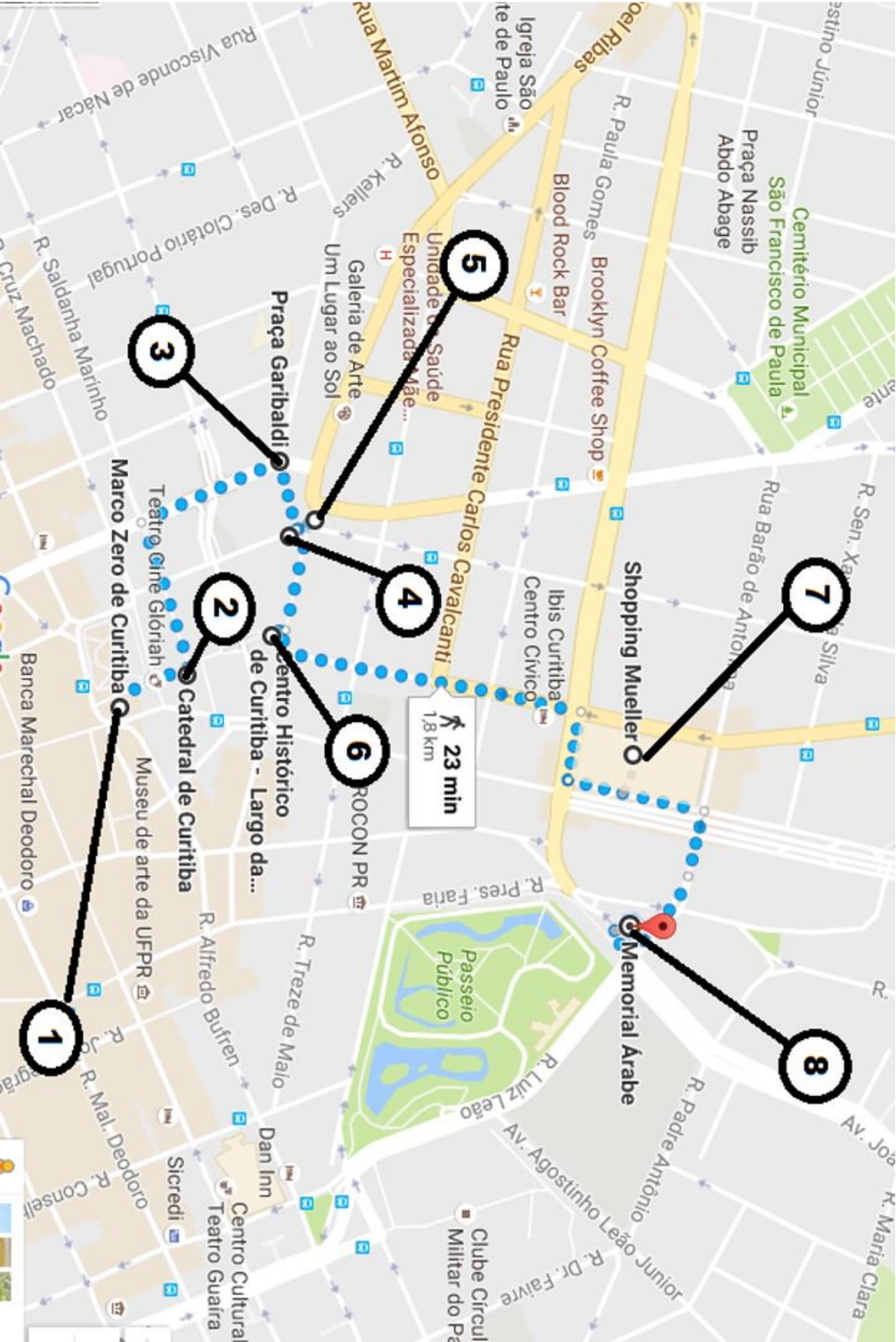
8

Memorial Árabe

O memorial é uma espécie de colagem do estilo arquitetônico das edificações mouriscas lembradas no prédio por elementos como a abóbada, as colunas, os arcos e os vitrais. Situado sobre um espelho d'água, tem o formato de um cubo. Localizado na Praça Gibran Khalil Gibran, o memorial foi criado com o intuito de homenagear a cultura do Oriente Médio. Em seu interior funciona um café, e uma biblioteca essencialmente com exemplares relacionados a cultura árabe.



FIGURA 5 – PÁGINA TRÊS – MAPA ROTEIRO I



FONTE: A autora (2016).

FIGURA 6 – PÁGINA QUATRO – DESCRITIVO DOS ATRATIVOS III

9 Bosque João Paulo II

Um lugar abençoado onde natureza e tradição se integram num cenário de beleza e harmonia.

O Bosque João Paulo II, inaugurado em dezembro de 1980, não só eternizou a passagem do Papa por Curitiba em junho de 1980 quando ele visitou a cidade, como presenteou a cidade com uma linda homenagem à colônia polonesa. Pelos caminhos internos do bosque, encontram-se 7 casas típicas polonesas em forma de aldeia, construídas no início da colonização polonesa na região de Curitiba por volta de 1878, e remontadas no bosque. As casas, feitas de troncos de pinheiro encaixados, abrigam a história e a cultura dos imigrantes. Na primeira casa, a mesma visitada pelo Papa, foi instalada a capela em homenagem à Virgem Negra de Czestchowa, padroeira da Polônia. Nas demais, pode-se conhecer os móveis e utensílios da época da primeira imigração, 1871, como a pipa de azedar, repolho e ver de perto o Museu agrícola onde se destacam a carroça, o abanador de cereais, o amolador de pedra e outras ferramentas da época. Na trilha em meio ao bosque, encontra-se uma escultura do Papa João Paulo II e um monumento em homenagem a Nicolau Copérnico.

O "Bosque do Papa", assim conhecido pelos curitebanos proporciona uma viagem ao coração e à história de um povo, um obrigado e uma homenagem da cidade ao imigrante polonês.

11 Paróquia N. Sr^a das Mercês

O engenheiro José Mizullo fez a planta da igreja das Mercês, sendo aprovada pelos superiores capuchinhos aos 6 de fevereiro de 1925. Os freis não perderam tempo e, aos 26 de junho de 1926, iniciaram os alicerces da igreja das Mercês; nos quais foram usados 347m² de pedra. A pedra fundamental foi feita aos 26 de setembro de 1926 por D. João Fr. Braga, já arcebispo de Curitiba com a presença do governador do Estado, outras autoridades e mais 3.000 freis.

Aos 15 de setembro de 1929, o arcêscopo benzeu a nova e atual Igreja de N. Sra. das Mercês que custou 280.000\$000 contos. A festa de inauguração foi aos 29 de setembro de 1929, já ultimada e decorada na parte interna como se encontra atualmente, com a estátua de N. Sra. das Mercês, esculpida em madeira pelo artista italiano Giacomo Scopoli. A Igreja mede 51 x 18 metros. Tem uma torre considerada a maior torre da Arquidiocese de Curitiba.

Passados sete anos, aos 24 de setembro de 1933, realizou-se a solene coroação da estatua de N. Sra. das Mercês com a presença de três bispos, autoridades e muito povo.



10 Memorial Ucrainiano

inaugurado em 26 de outubro de 1995, em homenagem ao centenário da chegada dos imigrantes, o Memorial da Imigração Ucrâniana, localizado dentro do Parque Tingüi, é um tributo à contribuição desse povo à cultura do Estado. Além da ampla área verde do Parque Tingüi, o visitante se depara, logo na entrada, com o portal e, mais adiante, a réplica da antiga capela de São Miguel, da Serra do Tigre, município de Mallet-Pr, com sua cúpula dourada, construída em madeira, em estilo bizantino, onde há uma exposição permanente de pinturas, painéis, cerâmicas, objetos religiosos e artesanais e péssenas (ovos pintados à mão), ícones e bordados. Ao lado da capela está o campanário, que simboliza a integração à nova terra e a importância da religião como mantenedora da unidade cultural. Numa casa típica da arquitetura ucraniana funciona a loja de souvenirs, onde são vendidos produtos artesanais. O Memorial possui um palco e uma péssenka gigante, feita pelo artista Jorge Seratiuk. Manifestações folclóricas e festas típicas da etnia acontecem com apoio da Fundação Cultural de Curitiba e da comunidade ucraniana: a Bênção dos Alimentos (no Sábado de Aleluia), a Festa Nacional da Ucrânia (em agosto), a Festa da Colheita (em outubro) e a Festa de São Nicolau (em novembro).



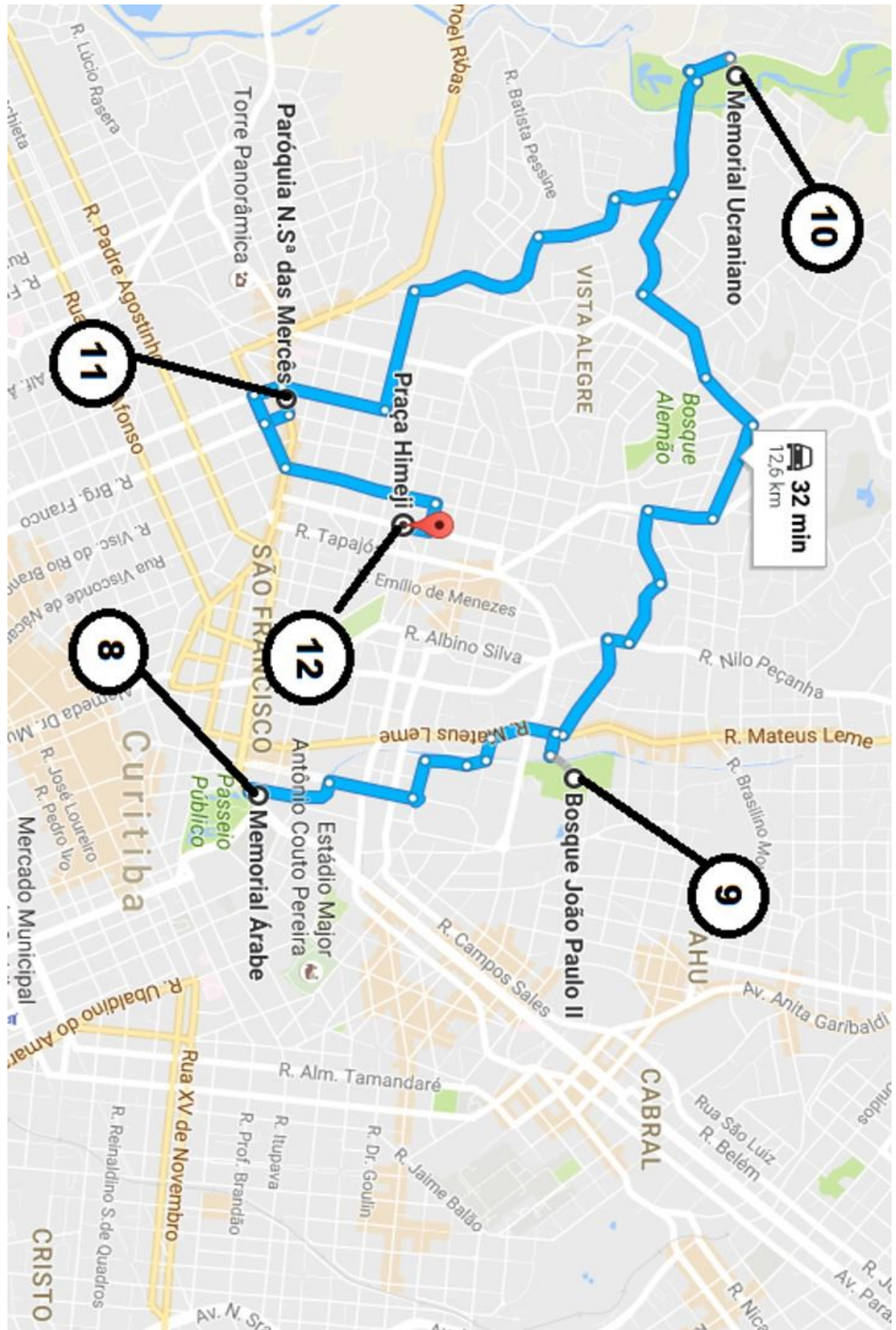
12 Prača Himeji

Essa construção de inspiração nipônica, que parece aquelas para abrigar sinos, fica na Praça Himeji no bairro das Mercês onde as ruas Paulo Graesser Sobrinho encontra a Dom Alberto Gonçalves. A cidade de Himeji é a cidade japonesa irmã de Curitiba, cujo decreto foi assinado por Maurício Fruet em 1984.



FONTE: A autora (2016).

FIGURA 7 – PÁGINA CINCO – MAPA ROTEIRO II



FONTE: A autora (2016).

FIGURA 8 – PÁGINA SEIS – PRINCIPAIS ETNIAS



De acordo com o exemplo dado, o material com o itinerário do roteiro deverá conter um simples mapa com os pontos a serem visitados, com uma pequena descrição de cada um deles, com o intuito de informar sobre o mesmo, incluindo a que etnia é pertencente o atrativo, elemento importante para o roteiro de turismo étnico pedagógico.

A seguir, uma descrição detalhada de como chegar ao atrativo. Informações nas quais devem ser pesquisadas pelos profissionais que irão elaborar o roteiro para o colégio.

5.2.3.1. Descrição do Itinerário de Roteiro demonstrativo

SAÍDA: Marco Zero da Fundação de Curitiba DESTINO: Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Luz

Tempo de deslocamento: 2 min. (80m) – a pé

Siga na direção norte na Praça Tiradentes em direção a R. José Bonifácio. Vire a Direita para permanecer na Praça Tiradentes (o destino estará a esquerda).

SAÍDA: Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Luz DESTINO: Praça Garibaldi

Tempo de deslocamento: 8min (450m) – a pé

Siga na direção oeste na Praça Tiradentes em direção a R. José Bonifácio (130m). Continue para a Rua Cruz Machado (95m). Vire a direita na Alameda Dr. Muricy (250m).

SAÍDA: Praça Garibaldi DESTINO: Igreja presbiteriana Independente de Curitiba

Tempo de deslocamento: 3min (110m) – a pé

Siga na direção leste na Praça Garibaldi/R. Dr. Claudino dos Santos em direção a R. do Rosário (93m). Vire à direita na R. do Rosário (13m) – o destino estará a esquerda.

SAÍDA: Igreja Presbiteriana Independente de Curitiba DESTINO: Igreja do Rosário

Tempo de deslocamento: 1min (41m) – a pé

Siga na direção norte na R. do Rosário em direção a Praça Garibaldi/R. Dr. Claudino dos Santos (30m). Vire a esquerda na R. Dr. Claudino dos Santos (11m).

SAÍDA: Igreja do Rosário DESTINO: Largo da Ordem

Tempo de deslocamento: 3min (170m) – a pé

Siga na direção leste para a R. Duque de Caxias (11m). Continue para a R. Dr. Claudino dos Santos (140m). Vire a direita na R. José Bonifácio (19m) – o destino estará à esquerda.

SAÍDA: Largo da Ordem DESTINO: Ferreira Müller

Tempo de deslocamento: 10min (650m) - a pé

Siga na direção norte na R. José Bonifácio em direção a R. Dr. Claudino dos Santos (19m). Vire a direita na R. Dr. Claudino dos Santos (29m). Vire a esquerda na R. Mateus Leme (400m). Vire a esquerda na R. Inácio Lustosa (91m). Vire a esquerda na Avenida Cândido de Abreu (76m) – o destino estará a esquerda.

SAÍDA: Ferreira Müller DESTINO: Memorial Árabe

Tempo de deslocamento: 8min (350m) – a pé

Siga na direção norte na Av. Cândido de Abreu em direção a R. Barão de Antonina. (110m). Vire à direita na R. Barão de Antonina (89m). Curva suave à direita para permanecer na R. Barão de Antonina (130m). Vire à direita na Praça Gibran Khalil Gibran (39m) – o destino estará à direita.

SAÍDA: Memorial Árabe DESTINO: Bosque João Paulo II

Tempo de deslocamento: 7min (2km) - ônibus

Pegue a R. Heitor Stockler de França, Av. Cândido de Abreu e R. Ernâni Santiago de Oliveira até a R. Mateus Leme (1,6km). Vire à direita na R. Mateus Leme (350m) Vire a direita na Rua Heraclides César de Araújo (110m).

SAÍDA: Bosque João Paulo II DESTINO: Memorial Ucrâniano

Tempo de deslocamento: 15min (4,7km) - ônibus

Siga na direção oeste na Rua Heraclides César de Araújo em direção à R. Mateus Leme (110m). Vire à direita na R. Mateus Leme (39m). Vire à esquerda na Rua Comendador Lustoza de Andrade (550m). Vire à direita na R. Nilo Peçanha (750m). Pegue a Rua Cel. Isaías Natel de Paula até Av. Desembargador Hugo Simas (750m). Vire a direita na Av. Desembargador Hugo Simas (500m). Vire à esquerda na R. Santa Cecília (500m). Vire à esquerda na R. João Tschaneerl (350m). Continue em R. Antônio Costa. Pegue a Rua Francisco May e R. Prof. Dário García até R. Dr. Mbá de Ferrante em São João (2km) – o destino estará à direita.

SAÍDA: Memorial Ucrâniano DESTINO: Paróquia N. Srª das Mercês

Tempo de deslocamento: 12min (4,1km) - ônibus

Pegue a R. Prof. Dário García, R. Dep. João Ferreira Neves, R. Victório Viezzer, R. Solimões e R. Júlio Pernetá até Rua Desembargador Motta em Mercês (3,6km).

Continue em Rua Desembargador Motta. Pegue a R. Júlia Wanderley até Av. Manoel Ribas (500m).

SAÍDA: Paróquia N. Srª das Mercês DESTINO: Praça Himegi

Tempo de deslocamento: 8min (1,7km) - ônibus

Siga na direção oeste na Av. Manoel Ribas em direção à Rua Desembargador Motta (73m). Vire à esquerda na Rua Desembargador Motta (150m). Vire à esquerda na Rua Júlia Wanderley (400m). Curva suave à esquerda na R. Cel. João Guilherme Guimarães (750m). Vire à direita na R. Dr. Roberto Barrozo (150m). Vire à direita na R. Dom Alberto Gonçalves (130m) – o destino estará à direita.

5.3. AÇÕES COMPLEMENTARES

Dada a considerável complexidade que é a implementação de um novo serviço turístico, considerando ainda, a aplicação do mesmo para colégios públicos, serão expostas outras ações que servirão para complementar o projeto em questão agregando valor considerável e maximizando a funcionalidade do roteiro nos atrativos com o material informativo. As sugestões foram divididas por etapas para facilitar o entendimento, sendo elas:

- 1ª Etapa: Recursos Físicos
- 2ª Etapa: Recursos Humanos
- 3ª Etapa: Materiais
- 4ª Etapa: Operacionalização e Controle

A seguir estão explanadas as considerações importantes no que se refere a cada uma das etapas listadas acima.

5.3.1. Recursos Físicos

A primeira etapa de sugestões consiste em propostas de adaptações do roteiro apresentado na demonstração. Cada colégio pode adequar seu roteiro de acordo com as suas necessidades e limitações. Ou seja, se o colégio não possui nenhum tipo de recurso ou transporte para efetuar percursos de longa distância, pode

escolher optar por atrativos que estejam mais próximos da sua região, por exemplo, ou que sejam mais de fácil acesso do colégio até o atrativo.

Outra opção de adaptação para os colégios, é escolher uma das etnias que estará sendo trabalhada em sala de aula para visitar os atrativos relacionados à mesma. Por exemplo, visitar somente os atrativos relacionados ao legado da colonização italiana.

A necessidade de alterações na composição do roteiro deve ser percebida pelos colaboradores dos colégios durante o processo de levantamento de atrativo, escolha da região para ser aplicado e no processo de cruzamento e análise destas informações.

O quadro 17, a seguir, visa exemplificar as ações sugeridas para esta etapa.

QUADRO 17 – ETAPA 1 - SUGESTÕES DE ADAPTAÇÕES DO ROTEIRO	
Objetivo: Facilitar a aplicação do roteiro para os colégios	
Adaptações para o roteiro	Levantamento de atrativos próximos
	Delimitar região
	Escolher atrativos por etnia

FONTE: A autora (2016).

Como detalhado acima, esta etapa inicial visa a organização e adaptação dos locais a serem visitados durante o percurso do roteiro a ser projetado. É, é realmente importante a articulação dos colégios envolvidos com a atividade, possibilitando o desenvolvimento e melhorias contínuas.

5.3.2. Recursos Humanos

Em sequência às sugestões, tem-se aplicação da segunda etapa, sendo ela com foco nos Recursos Humanos que serão necessários e as ações correlacionadas. Tendo em vista que a atividade turística é essencialmente humana, a relação dos mesmos deve ser trabalhada adequadamente e com parâmetro de qualidade, pois lidar com alunos exige clareza e firmeza na execução da atividade. Desta maneira, o quadro 18, traz uma lista de ações necessárias quanto ao relacionamento e posicionamento de quem irá trabalhar diretamente com os alunos, nos quais, farão parte da atividade.

QUADRO 18 – ETAPA 2 - SUGESTÕES DE RECURSOS HUMANOS

ETAPA 2 – RECURSOS HUMANOS	
AÇÕES	DESCRIÇÃO
Conscientização para o Turismo	Objetivo principal de transmitir aos alunos a definição do projeto e seus objetivos <ul style="list-style-type: none"> • Falar sobre o conceito de Turismo Pedagógico; • Introduzir sobre a interpretação do patrimônio.
Transmissão das informações pelo educador	Objetivo principal de transmitir as informações sobre os atrativos durante o roteiro <ul style="list-style-type: none"> • Falar sobre os pontos e atrativos; • Relacionar a história das etnias e atrativos com o conteúdo de aula.

FONTE: A autora (2016).

Foram traçadas estas ações com finalidade de maximizar a experiência turística, da mesma maneira que reforça o conteúdo pedagógico trabalhado em sala de aula com os alunos.

5.3.3. Materiais Informativos

A terceira etapa de sugestão visa principalmente a criação do material informativo que será utilizado ao longo do roteiro com as informações sobre os atrativos étnicos.

Esta etapa é importante, pois é onde será feito todo o levantamento informativo e gráfico necessário, além de ser feita a divulgação por parte da Secretaria de Educação junto aos colégios.

No quadro 19, a seguir, encontram-se as ações sugeridas para esta etapa.

QUADRO 19 – ETAPA 3 - SUGESTÃO QUANTO A MATERIAIS INFORMATIVOS

ETAPA 3 – MATERIAIS INFORMATIVOS	
AÇÕES	DESCRIÇÕES
Identidade Visual	Objetivo principal de proporcionar atratividade ao material e dar singularidade ao material informativo para a divulgação e interesse ao projeto
Levantamento de Informações	<p>Objetivo de fazer um levantamento completo de todas as informações necessárias a serem repassadas aos alunos nos materiais informativos.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Levantamento dos atrativos que irão compor o roteiro; • Levantamento histórico de cada um dos atrativos selecionados; • Agrupamento dos atrativos por região para facilitar a execução do projeto.
Criação dos Materiais	<p>Objetivo de facilitar a execução do projeto para os colégio.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Criação e adaptação do roteiro de acordo com o colégio trabalhado; • Criação de aplicativos para celulares com o roteiro.

FONTE: A autora (2016).

Nesta etapa é necessária a participação das pessoas envolvidas na atividade, ou seja, os profissionais de turismo, e colaboradores dos colégios para a formatação e criação do material que será utilizado no roteiro. Os materiais informativos, não são extremamente necessários, mas se fazem importante para uma aplicação efetiva do roteiro para os alunos. Caso não haja recursos, ou não se consigam elaborar materiais informativos, como sugestão, pode ser solicitado, durante a aula em sala, para que o aluno pesquise antecipadamente sobre os atrativos que serão visitados e durante a visita pedir pela explicação de determinados alunos nos atrativos estabelecidos.

5.3.4. Operacionalização e Controle

A última etapa de sugestões envolve a concretização do projeto e seu monitoramento. Esta etapa é a principal e mais importante, pois coloca em prática todas as ações levantadas anteriormente e envolve diretamente os alunos, professores e colégio.

As ações necessárias nessa etapa final são listadas no quadro 20 e envolvem:

QUADRO 20 – ETAPA 4 – SUGESTÕES QUANTO A OPERACIONALIZAÇÃO E CONTROLE

ETAPA 4 – OPERACIONALIZAÇÃO E CONTROLE	
AÇÕES	DESCRIÇÃO
Aplicação do Projeto	Objetivo principal de colocar e manter em prática todas as ações levantadas anteriormente em outras etapas.
Monitoramento	<p>Objetivo de fazer uma avaliação geral do projeto ofertado.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Avaliação quanto à qualidade; • Avaliação quanto á satisfação; • Monitoramento quanto ao aprendizado.

FONTE: A autora (2016).

Como relatado anteriormente, essas quatro etapas listadas são adicionais e complementares à execução do projeto do roteiro de turismo étnico pedagógico. O projeto pode ser adaptado de acordo com as necessidades e limitações de cada colégio, e, também, pode ser aplicado seguindo o modelo na demonstração.

Tão importante quanto a implementação do projeto, são a participação dos colaboradores, que farão deste projeto uma efetiva prática do conhecimento para os alunos.

5.4. RETORNO DE INVESTIMENTO

O projeto em questão não prevê gastos significativos, uma vez que a infraestrutura necessária já existe. O montante final de investimento é de R\$ 3.880,65 (três mil, oitocentos e oitenta reais e sessenta e cinco centavos) aplicados para o desenvolvimento do roteiro e design e produção do material informativo. Inclui-se

neste valor a impressão do material informativo em média de 2.500 unidades, o valor do profissional designer gráfico que produzirá o design do material, o valor a ser pago ao profissional de turismo que auxiliará na composição do roteiro da mesma forma que o professor de história, também está incluso no valor a ser investido.

Como já mencionado, a origem dos recursos financeiros necessário para elaboração e concretização do projeto devem partir da Secretaria de Educação do Estado ou qualquer outra Secretaria ou entidade relacionadas ao Governo do Estado.

Em relação ao retorno do investimento, ele resultará num viés qualitativo, pois visa a incorporação do roteiro do ambiente escolar como atividade prática do conteúdo de história lecionado em sala de aula. E, o retorno será detectado no conhecimento dos alunos em relação ao tema, a satisfação dos mesmos ao realizar a atividade com uma maneira diferenciada de testemunhar na prática o conteúdo de história desenvolvido em sala de aula, e posteriormente se reverterá em valorização da cultura e do legado das etnias que colonizaram a cidade.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o desenvolvimento da pesquisa, pode-se constatar que é viável a implementação de um roteiro turístico étnico pedagógico para ser aplicado nos colégio públicos estaduais da cidade de Curitiba, pois, detectou-se no decorrer da pesquisa elaborada, que na disciplina de história são abordados os temas de etnias, cultura e colonização, e que há um interesse por parte dos alunos pelo aprendizado a respeito destes temas.

Os diretores entrevistados responderam ao questionário com suas opiniões a respeito da possibilidade de se desenvolver o roteiro. E, a partir, destas respostas, foi detectado que são abordados os temas relacionado à etnia e foram reconhecidos os aspectos necessários para a criação do roteiro baseado no conteúdo aplicado em sala de aula sobre o legado étnico que existe na cidade, explorando os atrativos e contando suas histórias.

Como mencionado ao longo do trabalho, o Turismo Pedagógico não é frequentemente utilizado pelas escolas. Apesar de ser uma maneira prática e diferenciada para desenvolver com os alunos, no Brasil são pouco os projetos colocados em prática deste segmento de turismo.

O problema inicial da pesquisa foi respondido, pois, de acordo com toda a pesquisa detectou-se o potencial de desenvolvimento de um roteiro de Turismo Pedagógico Étnico para ser aplicado nos colégios estaduais públicos da cidade de Curitiba.

Quanto aos objetivos, os mesmos foram todos alcançados, desde da realização do levantamento bibliográfico e dos principais patrimônios, até a elaboração do roteiro com caráter étnicos para os colégios com objetivo pedagógico.

O projeto proposto tem como objetivo a interação do aluno com o meio, promovendo a articulação do conteúdo proposto em sala de aula com o espaço em que o mesmo está inserido na sociedade, ou seja, resgatando suas origens através da atividade proporcionada pela instituição de ensino.

No formato colocado, o projeto de roteiro Pedagógico Étnico pode ser aplicado, principalmente, á Colégios Estaduais de Fora da cidade de Curitiba. Professores que trazem seus alunos em visita técnica à cidade, também podem usufruir do roteiro de Turismo Pedagógico Étnico para repassar a respeito do conteúdo aos seus alunos.

De forma organizada e planejada, considera-se que o roteiro proposto pode ser aderido pelos colégios, considerando a sua flexibilidade de formatação e, a diversidade de atrativos de caráter étnico, deixados ao longo dos anos pelos grupos colonizadores, e deste modo dinamizar as aulas práticas e teóricas da disciplina de história.

REFERÊNCIAS

- BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo**. São Paulo: SENAC, 2002.
- ANDRADE, José Vicente. **Turismo fundamentos e dimensões**. 8 ed. São Paulo: Ática, 2000.
- BAHL, Miguel. **Legados Étnicos & Oferta Turística**. Curitiba: Juruá, 2004.
- BAHL, Miguel. **Viagens e roteiros turísticos**. Curitiba: Vicentina, 2004. 192 p.
- BAHL, M; NITSCHKE, L. B. Roteiros e itinerários turísticos como elementos dinâmicos no desenvolvimento regional do turismo. In: RAMOS, S. P. (Org.). **Planejamento de roteiros turísticos**. Porto Alegre: Asterisco, 2012.
- BARRETO, Margarita. **Manual de iniciação ao estudo do turismo**. 17. ed. Campinas/sp: Papiros Editora, 2008.
- BARRETTO, Margarita. **Planejamento responsável do turismo**. Campinas, SP: Papirus, 2005.
- BATISTA, Claudio Magalhães. Memória e identidade: aspectos relevantes para o desenvolvimento do turismo cultural. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 27-33, 2005.
- BONFIM, Mailane. Por uma pedagogia diferenciada: uma reflexão acerca do turismo pedagógico como prática educativa. **Turismo Visão e Ação**, Balneário Camboriú (SC), v. 12, n. 1, p. 114-129, 2010.
- BRASIL. Ministério do Turismo. Programa de regionalização do Turismo. **Roteirização Turística** (Módulo Operacional 7). Brasília, 2005.
- BRUSADIN, Leandro Beneditini. A teoria do turismo e os conceitos fundamentais = The theory of tourism and the fundamental concepts. **Revista Cenário**, Brasília, v. 3, n. 4, p. 173-177, 2015.
- BOULLÓN, Roberto. **Planejamento do espaço turístico**. Bauru/SP: EDUSC, 2002.
- CARDOZO, Poliana Fabiúla. Considerações Preliminares sobre produto Turístico Étnico. **Pasos Revista de Turismo y Patrimonio Cultural**, Amapá, v. 4, n. 2, p.143-152, 2006.
- COSTA, Francisco Lima. Turismo Étnico, cidades e identidades: espaços multiculturais na cidade de Lisboa. In: CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS., 2004, Coimbra. **A Questão Social no Novo Milênio**. Coimbra, 2004. p. 1 - 27. Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel74/FranciscoLimaCosta.pdf>>. Acesso em: 11 abr. 2016.

DEMO, Pedro. **Desafios Modernos da Educação**. 8. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti. **Métodos e Técnicas de Pesquisa em Turismo**. São Paulo: Futura, 1998.

GOMES, Gilmara de Souza. **As possibilidades do turismo pedagógico como estratégia facilitadora da aprendizagem em educação de jovens e adultos (EJA)**. 110 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Turismo e Meio Ambiente, Centro Universitário Una, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp155857.pdf>>. Acesso em: 25 maio 2016.

GOMES, Mariana Selister et al. Turismo Cultural, Educação Patrimonial e Cidadania: Uma Experiência entre Universidade, Escola e Museu Em Sergipe. **Revista Rosa dos Ventos**, Caxias do Sul (RS), v. 7, n. 3, p. 459-470, 2015.

GRÜNEWALD, Rodrigo de Azeredo. Turismo e Etnicidade. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, p.141-159, out. 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ha/v9n20/v9n20a07>>. Acesso em: 09 abr. 2016.

IPARDES. Caderno Estatístico: Município de Curitiba. **Ipardes - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social**, Curitiba, maio 2016.

JALUSKA, Taciane; JUNQUEIRA, Sérgio. As possibilidades de educação em espaços não formais por meio do turismo educacional: o que apontam os trabalhos de conclusão do curso de Pedagogia da Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR). **Ciberteologia: Revista de Teologia e Cultura**, São Paulo, v. 0, n. 39, p.0-0, set. 2012. Disponível em: <<http://ciberteologia.paulinas.org.br/ciberteologia/wp-content/uploads/downloads/2012/07/03Aspossibilidades.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

JUNQUEIRA, Sergio; SCREMIN, Juliane. **Aprendizado Diferenciado: Turismo Pedagógico no âmbito escolar**. Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, Pr, v. 1, p.26-42, dez. 2012.

LEI DO ESTADO DO PARANÁ - PR Nº 18.766 DE 01.05.2016. Disponível em <<http://www.normaslegais.com.br/legislacao/Lei-pr-18766-2016.htm>> . Acesso em 15 de outubro de 2016.

LIMA, Carlos. Turismo Cultural: que formação? In: CASTROGIOVANNI, Antônio; GASTAL, Susana (org). **Turismo urbano: cidades, sites de excitação turística**. Porto Alegre: ed. Dos autores, 1999.

LIMA, Leandro Barcelos de; SILVA, Lisa Fernanda Meyer da. Educação difusa: a primeira forma de ensinar. **Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão**, Pelotas, v. 4, n. 1, maio 2012.

MATOS, Francisco de Castro. Turismo Pedagógico: o estudo do meio como ferramenta fomentadora do currículo escolar. **Anais do VII Seminário de Pesquisa em Turismo do Mercosul**, Caxias do Sul/RS, p.1-11, nov. 2012.

MIGUEL, Fabiana Moraes. **A viabilidade de implantação de um roteiro turístico no município de pinhais - PR**. 2007. 57 f. Monografia (Especialização) - Curso de Planejamento e Gestão do Turismo, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2007.

MILHEIROS, Eva; MELO, Carla. O Grand Tour e o advento do turismo moderno. **Turismo e Desenvolvimento**, Porto Alegre, p.114-118, dez. 2005.

MORAES, Claudia Corrêa de Almeida. **Turismo Pedagógico em Quilombos: considerações sobre a formação de uma comunidade turística**. In: SEMINTUR SEMINÁRIO DE PESQUISA EM TURISMO DO MERCOSUL, 4., Caxias do Sul RS: Universidade de Caxias do Sul – Mestrado em Turismo, 2006. p. 1 - 14.

MOREIRA, J. L. P.; AVILÉS, M. A. Y; VALLE, J. E. G. Turismo educativo: propuesta de creación de un programa de enseñanza de español para extranjeros, en español. In: **Repositorio de la Escuela Superior Politécnica del Litoral**, 2009. Disponível em: . Acesso em: 02 mai. 2016.

MURTA, Stela Maris; ALBANO, Celina. **Interpretar o patrimônio: um exercício do olhar**. Belo Horizonte, MG: UFMG, 2005.

PERINOTTO, André Riani Costa. Turismo pedagógico: uma ferramenta para educação ambiental. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 100-103, 2008.

PINHEIRO, Thaís Rosa. Turismo Étnico de Base Comunitária e a reconstrução da cultura quilombola: o caso do quilombo do Campinho da Independência. In: **FÓRUM INTERNACIONAL DE TURISMO DO IGUAÇU**, 8., 2014, Foz do Iguaçu PR, 2014. p. 1 - 16.

PINTO, Umberto de Andrade. Um conceito amplo de pedagogia. **Revista Múltiplas Leituras**, Recife, PE, v. 1, n. 1, p.107-116, jun. 2008. Disponível em: <<https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ML/article/viewFile/1175/1186>>. Acesso em: 25 mar. 2016.

Prefeitura de Curitiba. Imigração. Disponível em: <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/historia-imigracao/208>>. Acesso em 14 mai. 2016.

ROSA, Anelise Falk. Inovação e Empreendedorismo no Turismo Rural: Viva Ciranda, de mãos dadas pelo turismo comunitário. **Cirtudes - Xi Congresso Internacional Sobre Turismo Rural e Desenvolvimento Sustentável**, Joinville, Sc. 2014.

ROVARIS, Nelci Aparecida Zanette; WALKER, Maristela Rosso. **Formação de Professores: Pedagogia como Ciência da Educação**. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA E EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, Cascavel/PR, 2012. Disponível em: <http://www.portalanpedsul.com.br/admin/uploads/2012/Formacao_de_Professores/>

Trabalho/02_34_11_525-7284-1-PB.pdf>. Acesso em: 22 abr. 2016.

SAMPAIO, Breno; GUIMARÃES, Juliana. Diferenças de eficiência entre ensino público e privado no Brasil. **Scielo Brazil**, Ribeirão Preto, v. 3, n. 1, jan 2009.

SANTANNA, Monica. **Ônibus dá 'volta ao mundo' na cidade**. 1996. Folha de São Paulo - Turismo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/9/30/turismo/25.html>>. Acesso em: 26 maio 2016.

SANTOS FILHO, João dos Santos. Ordem régia de censura a roteiros turísticos do século XVIII: André João Antonil no Índex. **Turismo em Análise**, São Paulo, v. 12, n. 1, p. 72-79, 2001.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia: o espaço da educação na universidade. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v.37, n.130, 2007.

SCHNEIDER, Alessandra Helena; ALVARENGA, Fernanda. Desenvolvimento participativo de produtos turísticos em terras indígenas na Amazônia brasileira. **Revista Brasileira de Ecoturismo**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 159-175, 2015.

SILVA, Denize Carolina Auricchio Alvarenga da. **Currículo, identidade, etnia e raça**. 2010. Disponível em: <<http://meuartigo.brasilecola.uol.com.br/educacao/curriculo-identidade-etnia-raca.htm>>. Acesso em: 25 maio 2016.

SILVA, Josefa Evaniêlda da; SONAGLIO, Kerlei Eniele. A dinâmica do “Roteiro Seridó” em Currais Novos/RN. **Caderno Virtual de Turismo**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 3, p. 391-408, 2013.

SINE. Site Nacional de Empregos. **Média Salarial**. Disponível em: <<http://www.sine.com.br/media-salarial>>. Acesso em: 18 out. 2016.

Tempo de Gestão. **Conceito de Turismo OMT**. Jan. 2015. Disponível em <<http://www.temposdegestao.com/conceito-de/conceito-de-turismo>> Acesso em: 10 dez. 2016.

VINHA, Maria Lucia et al. Turismo Pedagógico e a possibilidade de ampliação de olhares. **Hórus – Revista de Humanidades e Ciências Sociais Aplicadas**, Ourinhos/SP, n. 03, p.1-15, 2005. Disponível em: <<http://portaladm.estacio.br/media/3702613/artigo-maria-lucia.pdf>>. Acesso em: 24 mar. 2016.

Viver Bahia. Étnico-Afro. Disponível em: < <http://bahia.com.br/segmentos/etnico-afro/>> . Acesso em: 14 mai. 2016.

APÊNDICE I – QUESTIONÁRIO: DIRETORES DOS COLÉGIOS

Nome: _____

Data: ____/____/____

1) Já foi realizada alguma atividade fora da escola com os alunos?

☐ Sim☐ Não

2) Se sim, quais tipos de atividades?

3) Existe incentivo do Estado para alguma atividade que a escola queira proporcionar aos alunos?

4) Existe disponibilidade de transporte para locomoção dos alunos durante as atividades fora da escola?

5) Em que série é abordado temas sobre as etnias?

6) Há um interesse por parte do aluno em aprender sobre as etnias, história e cultura do estado?

Quanto a aplicação de um roteiro étnico nas escolas, na sua opinião:

7) Qual a faixa etária ideal para se aplicar o roteiro?

8) Qual a distância este roteiro deve percorrer?

9) Quanto tempo pode ser disposto a execução do roteiro?

10) Quantos alunos seria viável a participação para melhor aproveitamento do roteiro por todos os participantes?

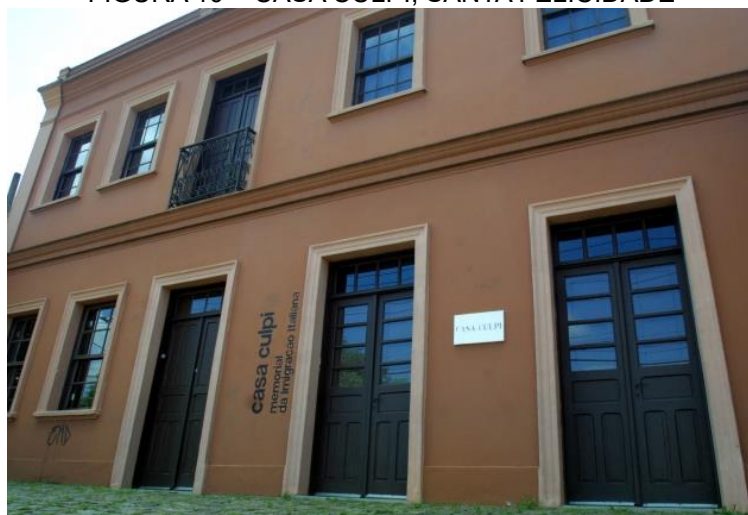
ANEXO 1 – ATRATIVOS TURÍSTICOS ÉTNICOS ITALIANOS EM CURITIBA

FIGURA 9 – PORTAL SANTA FELICIDADE



FONTE: Guia da Semana (2013)

FIGURA 10 – CASA CULPI, SANTA FELICIDADE



FONTE: Guia Gazeta do povo (2013)

FIGURA 11 – PRAÇA GARIBALDI



FONTE: TripAdvisor (2016)

ANEXO 2 – ATRATIVOS TURÍSTICOS ÉTNICOS POLONESES EM CURITIBA

FIGURA 12 – PORTAL POLONÊS



FONTE: Jornal do Ônibus de Curitiba (2015)

FIGURA 13 – BOSQUE JOÃO PAULO II



FONTE: Fundação Cultural de Curitiba (2016)

FIGURA 14 – IGREJA SANTO ESTANISLAU



FONTE: Fotografando Curitiba (2015)

ANEXO 3 – ATRATIVOS TURÍSTICOS ÉTNICOS ALEMÃES EM CURITIBA

FIGURA 15 – BOSQUE ALEMÃO



FONTE: Turismo Curitiba (2016)

FIGURA 16 – CATEDRAL METROPOLITANA NOSSA SENHORA DA LUZ DOS PINHAIS



FONTE: Arquidiocese de Curitiba (2016)

FIGURA 17 – FERREIRA MÜELLER 1878 (ATUAL SHOPPING MÜELLER)



FONTE: G1 Paraná RPC (2013)

FIGURA 18 – IGREJA PRESBITERIANA INDEPENDENTE DE CURITIBA



FONTE: Curitiba Space (2016)

ANEXO 4 – ATRATIVOS TURÍSTICOS ÉTNICOS UCRANIANOS EM CURITIBA

FIGURA 19 – MEMORIAL UCRANIANO (PARQUE TINGUI)



FONTE: Portal Ucraniano (2016)

FIGURA 20 – IGREJA ORTODOXA UCRANIANA SÃO DEMÉTRIO



FONTE: Plural Religioso (2013)

FIGURA 21 – PRAÇA DA UCRÂNIA



FONTE: Guia Gazeta do Povo (2013)

ANEXO 5 – ATRATIVOS TURÍSTICOS ÉTNICOS JAPONESES EM CURITIBA

FIGURA 22 – PRAÇA DO JAPÃO (MEMORIAL JAPONES)



FONTE: Curitiba para não Curitibaanos (2011)

FIGURA 23 – PRAÇA HIMEGI



FONTE: Circulando por Curitiba (2013)

ANEXO 6 – ATRATIVOS TURÍSTICOS ÉTNICOS PORTUGUESES EM CURITIBA

FIGURA 24 – IGREJA NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS DE SÃO BENEDITO



FONTE: Curitiba Space (2016)

FIGURA 25 – BOSQUE DE PORTUGAL



FONTE: Curitiba Cult (2016)

FIGURA 26 – CASA ROMÁRIO MARTINS



FONTE: Centro Histórico Curitiba (2016)

ANEXO 7 – ATRATIVOS TURÍSTICOS ÉTNICOS ÁRABES EM CURITIBA

FIGURA 27 – MEMORIAL ÁRABE



FONTE: Turismo Curitiba (2016)

FIGURA 28– MESQUITA IMAM ALI IBN ABI TALIB



FONTE: Centro Histórico Curitiba (2016).